



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

LURIANA DE SOUSA BARROS

MOVIMENTO E RESISTÊNCIA: uma aproximação etnográfica junto ao
Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais da Paraíba - Maria Quitéria

JOÃO PESSOA

2020

LURIANA DE SOUSA BARROS

Movimento e Resistência: uma aproximação etnográfica junto ao Grupo de Mulheres
Lésbicas e Bissexuais da Paraíba - Maria Quitéria

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Graduação em
Ciências Sociais (Bacharelado) da Universidade
Federal da Paraíba como requisito para obtenção
do grau de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Mônica Lourdes Franch Gutierrez

JOÃO PESSOA

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catálogo e Classificação

B277m Barros, Luriana de Sousa.

Movimento e Resistência: uma aproximação etnográfica
junto ao Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais da
Paraíba - Maria Quitéria / Luriana de Sousa Barros. -
João Pessoa, 2020.
68 f.

Orientação: Monica Lourdes Franch Gutierrez.
Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Movimento Lésbico. 2. Lesbianidades. 3. Resistência.
4. Visibilidade. I. Gutierrez, Monica Lourdes Franch.
II. Título.

UFPB/CCHLA

LURIANA DE SOUSA BARROS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Graduação em
Ciências Sociais (Bacharelado) da
Universidade Federal da Paraíba como
requisito para obtenção do grau de Bacharel em
Ciências Sociais.

BANCA EXAMINADORA



Professora Dr.ª Mônica Lourdes Franch Gutiérrez – DCS/CCHLA/UFPB
(Orientadora)



Professora Dr.ª Sonia Weidner Maluf – DCS/CCHLA/UFPB
(Examinadora)



Mestra Juciane de Gregori – PPGS/CCHLA/UFPB
(Examinadora)

João Pessoa, 18 de Fevereiro de 2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai Oxalá, que me permitiu chegar até aqui. Agradeço a minha mãe Oxum e a minha mãe Iansã, a meu pai Oxossi, meu pai Ogum e meu pai Xangô e a todos os orixás que me cuidaram e abriram meus caminhos neste torrão. Agradeço de formas infinitas a minha mãe de santo e família de santo por todo o apoio, carinho e cuidado nessa caminhada tão dura. Agradeço as entidades que me guiam e me ensinam a cada dia ser uma pessoa melhor. Agradeço a Jurema Sagrada, que me segura e me sustenta com toda a sua força e seu axé. Salve a Jurema Sagrada!

Agradeço ao meu amor, minha namorada e companheira, Bruna Cordeiro, que sendo tão linda como é, esteve comigo nessa caminhada até aqui, trocando sorrisos e carinhos nesses tempos tão secos.

Agradeço a minha mãe, Lucinete Barbosa de Sousa, que me criou e me ensinou a sorrir e a brincar quando as coisas foram difíceis, que me ensinou a ter força diante das dificuldades. Agradeço a minha irmã, Siriana de Sousa Barros, por todo o apoio quando decidi vir embora para João Pessoa.

A minha querida orientadora Prof. Dr.^a Mônica Franch, que me ensinou e me ensina, de formas incríveis, os caminhos etnográficos e os caminhos da pesquisa. Agradeço pela paciência, pelas cobranças e por todo o cuidado que teve comigo não só nessa jornada do TCC, mas também em toda a trajetória da graduação.

Ao professor Dr.^o Wallace Ferreira, que culpo até hoje por ter feito me apaixonar pela antropologia, ainda no primeiro período em ciências sociais, em 2014.

A professora Dr.^a Luciana Ribeiro, pela oportunidade de monitoria e por ter me ensinado tanto sobre antropologia urbana. Agradeço, do mesmo modo, a todo o quadro docente de Ciências Sociais da UFPB, por me ensinarem a aprender.

Agradeço a minha querida amiga/irmã Geissy Reis, por ter caminhado comigo nessa graduação e ter dividido comigo dias de luta e dias de glória (risos). E que no primeiro dia de aula, sentamos na praça da alegria e conversamos sobre a universidade, de onde éramos e porque queríamos aquele curso, e que desde então, estivemos lado a lado, juntas nesse sonho

e ofício de ser antropóloga. Tuas palavras sempre me ajudam e me incentivam a continuar, obrigada.

Agradeço ao meu povo de São Luis - Maranhão, que mesmo na distância enorme de mais de mil quilômetros, nunca me abandonaram: ao meu querido amigo/irmão Yuri Azevedo, que ainda em 2013, sentamos e estudamos por seis meses para passar no ENEM, ele passou para ciências sociais na UFMA (Universidade Federal do Maranhão) e eu passei aqui na UFPB (Universidade Federal da Paraíba), com alegria e uma leve “dorzinha” no coração, nos despedimos. Hoje meu querido amigo passou para o mestrado na UNB (orgulho!) e eu aqui na UFPB. Só agradeço por nossas conquistas, porque como dizem, “só sabe quem passa”. Agradeço a minha amiga/irmã, também cientista social, Cássia Abreu, quando nossas conversas eram refúgio no meio do caos, e hoje, como já disse, mesmo nessa distância, nossa amizade continua firme e forte. Agradeço ao meu amigo e irmão Ed Lerato, que amo tanto e morro de saudade todos os dias. Agradeço porque nossas vidas seguiram um rumo tão lindo, e “os destinos sociais” colocados pra gente desde a infância foram superados. Sem romantizar a pobreza, ou mesmo achando que é uma fala meritocrata, mas sair de onde saímos e sermos “alguém” hoje é algo muitíssimo rico e merece mesmo ser comemorado. Agradeço por ter dividido comigo sonhos, poemas, desabafos, cervejas, danças e muitos risos nessa caminhada que é viver.

Agradeço ao meu diretor da escola que estudei no ensino fundamental, Wilson Chagas, que me mostrou a paixão pela arte, que me possibilitou ir pela primeira vez em um teatro, que me possibilitou ter contato com leituras tão fantásticas desde cedo, me mostrando a importância da leitura, mesmo que fosse uma escola pública. Agradeço por me mostrar que a arte pode salvar vidas, como salvou a minha. Obrigada por fazer um trabalho tão necessário como esse.

Por fim, agradeço principalmente as interlocutoras desta pesquisa, Marli, Cryss, Adi, Aniele e Sivi e a todo o Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais da Paraíba - Maria Quitéria, que lado a lado, me ajudaram na realização deste TCC.

“[...] Ela que nunca tinha testemunhado o amor entre duas mulheres, seja na vida, seja na televisão. Agora essas histórias habitavam inclusive sua imaginação. [...]”.

Rebecca Nora

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre a trajetória do movimento lésbico na Paraíba, a partir de uma aproximação etnográfica junto ao Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais Maria Quitéria, fundado em 2002. Sua trajetória, dilemas e desafios nos servirão como fio para empreender discussões acerca da temática das lesbianidades e do próprio movimento LGBTQIA+, temas que também acompanharam esta pesquisa. A partir disso, reflito acerca da heterossexualidade compulsória, violência e silenciamento nas relações lésbicas e na própria existência lésbica, assim como as questões sobre a história do movimento lésbico no Brasil e na Paraíba. Na feitura desta pesquisa, foram suscitadas questões em torno da luta pela visibilidade, garantia de um espaço de fala e de discussão da existência lésbica, as quais reflito aqui, junto às interlocutoras e às teorias lésbicas. Memórias e experiências do Grupo Maria Quitéria são acessadas neste fazer antropológico, que incorpora ainda as ações que mulheres lésbicas e bissexuais vêm desenvolvendo, especificamente o Grupo Maria Quitéria, aqui na Paraíba.

Palavras-chave: Movimento Lésbico; Lesbianidades; Resistência; Visibilidade.

ABSTRACT

This research aims to reflect on the trajectory of the lesbian movement in Paraíba, from an ethnographic approach with the Group of Lesbian Women and Bisexuals Maria Quitéria, founded in 2002. Her trajectory, dilemmas and challenges in will serve as a thread to undertake discussions on the theme of lesbians and the LGBTQIA + movement itself, themes that also accompanied this research. Starting Furthermore, I reflect on compulsory heterosexuality, violence and silencing in lesbian relationships and lesbian existence itself, as well as questions about history of the lesbian movement in Brasil and Paraíba. In carrying out this research, issues around the struggle for visibility, guaranteeing a space for speech and discussion of lesbian existence, which I reflect here, along with interlocutors and lesbian theories. Memories and experiences of the Maria Quitéria Group are accessed in this anthropological work, which also incorporates the actions that lesbian and bisexual women have been developing, specifically the Maria Quitéria Group, here in Paraíba.

Keywords: Lesbian Movement; Lesbians; Resistance; Visibility.

LISTA DE SIGLAS

AIDS – Síndrome da Imunodeficiência Adquirida

ASTRAPA – Associação de Travestis e Transexuais da Paraíba

CE – Centro de Educação

CEJUBE – Centro de Atividades e Lazer Padre Juarez Benício Gramame

ENLESBI – Encontro de Mulheres Lésbicas e Bissexuais da Paraíba

HIV – Vírus da Imunodeficiência Humana

IST's – Infecções Sexualmente Transmissíveis

GMMQ – Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais da Paraíba – Maria Quitéria

LBL – Liga Brasileira de Lésbicas

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros e Transexuais.

LGBTQIA+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transgêneros e Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual e o sinal de “+”

MEL – Movimento do Espírito Lilás

MST – Movimento Sem Terra

NT – Nós Também

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

1. Introdução	11
<i>Capítulo 1: Descrevendo nossas relações, pensando lesbianidades: heterossexualidade compulsória, violência e silenciamento</i>	16
1.1 Sobre as violências sofridas	17
<i>Capítulo 2: Metodologia e Dilemas da Pesquisa</i>	23
<i>Capítulo 3: Notas sobre a história do movimento lésbico no Brasil e na Paraíba</i>	32
<i>Capítulo 4: Da memória e experiências com As Quitérias</i>	37
4.1 Dos lemas e das ações que guiam seus passos	43
<i>Capítulo 5: O ENLESBI - Encontro de Mulheres Lésbicas e Bissexuais da Paraíba</i>	47
5.1 O discurso oficial – o que pautaram as mesas	48
5.2 Outros encontros	51
6. Considerações Finais	55
7. Referências	58

1. INTRODUÇÃO

Esta monografia tem como objetivo refletir sobre a trajetória do movimento lésbico na Paraíba, a partir de uma aproximação etnográfica junto ao Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais Maria Quitéria. Fundado em 2002, o Grupo Maria Quitéria tem sua sede no centro da cidade de João Pessoa e é, atualmente, o principal coletivo em defesa da cidadania das mulheres lésbicas e bissexuais do Estado. Sua trajetória, dilemas e desafios nos servirão como fio para empreender discussões acerca da temática das lesbianidades e do próprio movimento LGBTQIA+¹, temas que também acompanharam esta pesquisa.

A vontade de pesquisar e adentrar de forma mais densa a temática de gênero e sexualidade, mais precisamente os estudos de lesbianidades, campo onde essa pesquisa se localiza, esteve comigo desde o início da graduação. Reconhecendo minha trajetória de graduanda em ciências sociais e lésbica, ao longo do curso percebi e questioneei onde se encontra e o que se tem produzido academicamente sobre lesbianidades. Assim, parece que há uma questão posta aí, uma questão identitária pode-se dizer, que se relaciona com ver refletidas e representadas minhas experiências na academia, e arrisco dizer que não são só minhas, mas de todas as mulheres lésbicas que desejam algum tipo de visibilidade no meio acadêmico, seja com seus próprios trabalhos ou mesmo sobre aquilo que estudamos. Por outro lado, esta pesquisa se torna possível graças à existência de um campo profícuo (vale ressaltar que nem sempre foi) de estudos sobre gênero e sexualidade, tendo relação direta com as produções acerca do movimento feminista, e de suas próprias conquistas nessa dinâmica com a construção do quadro teórico dos estudos de gênero e sexualidade, que não necessariamente tem focado na questão das mulheres lésbicas, mas que estão aí produzindo teorias e estimulando pesquisas que renovam as ciências sociais.

¹ Utilizo para esta pesquisa a acepção mais atualizada desta sigla, que são, de acordo com a sigla LGBTQIA+, os segmentos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transgêneros e transexuais, *queer*, intersexo, assexual e o sinal de “+”, por sua vez, remete a ideia de abrigar todas as orientações sexuais e identidades que não estão incluídas ao decorrer da sigla. Nesse mesmo sentido, esta sigla e todas as significações que carregam, estão em constante mudança, isto é, “mais do que siglas, sugerem para complexas ordenação de regimes de reconhecimento (de sujeitos políticos, pautas e visibilidades)” (OLIVEIRA, 2017, p. 320). E por isso mesmo, em muitas ocasiões ao decorrer do texto, surja apenas LGBT, sendo exatamente aquilo que o campo me trouxe. Ou ainda, quando discuto a literatura em torno do movimento lésbico, em diversos momentos, surja a sigla LGBT, assim como em outros momentos “movimento homossexual”, nos dando margem para observar a variância deste termo.

Mesmo reconhecendo isso, é preciso situar que esta pesquisa é marcada por um período político bastante complicado e de constante ataque aos movimentos sociais, e ao que parece ser, um contexto de retrocesso quando pensamos em direitos humanos, marcado principalmente por um discurso sistemático de ódio e repulsa ao movimento LGBTQIA+, como bem demarcam Nascimento e Franch (no prelo):

[...] em que conquistas importantes do campo democrático estão ameaçadas pelo progressivo avanço de setores conservadores em áreas estratégicas de poder, culminando na eleição de um presidente de extrema-direita, que apresentou como uma de suas agendas principais o combate à “ideologia de gênero” (NASCIMENTO; FRANCH, no prelo, p.1).

A importância desta pesquisa se situa, então, nas questões acerca da luta pela visibilidade, na garantia de um espaço de fala e de discussão da própria existência lésbica (RICH, 2010) e das ações que mulheres lésbicas e bissexuais vem desenvolvendo, especificamente o GMMQ², aqui no Estado.

Sendo estas mulheres atuantes do movimento político em João Pessoa, ligadas às diversas atividades que ocorrem na cidade e atuando no movimento social, percebo a necessidade de registro e compreensão de suas trajetórias e narrativas por vários motivos – primeiro, pela menor representatividade que as experiências individuais e coletivas de mulheres lésbicas possuem no conjunto de produção acadêmica em torno das questões LGBTQIA+; segundo, pela pouca representatividade que a Paraíba tem na construção da memória em torno do movimento LGBTQIA+ no Brasil, muito centrado no Sudeste³. Essa menor representatividade no conjunto de produção acadêmica a que me refiro pode ser verificada no mais recente balanço da produção em gênero e sexualidade no Brasil, relativo à década de 2008-2018:

Já a temática lésbica continua menos presente na literatura sobre gênero e diversidade sexual, o que mais uma vez corrobora com a invisibilidade das experiências homoafetivas femininas que a militância vem denunciando há tempos. Encontramos artigos sobre as aproximações e diferenças entre a categoria lésbica e homem trans, experiências de mulheres homoafetivas em contextos comparativos internacionais, o envelhecimento entre mulheres lésbicas ou, ainda, expressões de gênero entre mulheres que “gostam de mulher”. Um único dossiê foi identificado, organizado por Ana Carla da Silva Lemos e Nathalia Cristina Cordeiro (2018) para a revista *Cadernos de Gênero e Diversidade*, contendo artigos apresentados no marco da I Jornada sobre o Pensamento Lésbico realizada em 2017 em Salvador. Cabe salientar que iniciativas como a I Jornada e o desenvolvimento do projeto Lésbicas

² A abreviação utilizada desse modo foi retirada dos próprios materiais do Grupo que pude ter acesso.

³ Ver Nascimento e Franch (2019).

que Pesquisam apontam para uma mudança nesse cenário, que esperamos possa ser verificada em futuros balanços (NASCIMENTO; FRANCH, no prelo, p. 25-26).

Nesse sentido, a vontade de estar com as agentes (ORTNER, 2011) desta pesquisa, surge por querer me inserir num campo onde mulheres lésbicas se movimentam e se articulam de forma política, percebendo tal movimentação como uma dimensão que possibilita pensar as questões que são colocadas nesse fazer e a própria existência da mulher lésbica.

Em vista disso, nesta pesquisa empreendo um movimento de pensar as ações e trajetórias do Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais da Paraíba - Maria Quitéria, desde a teoria lésbica (BOURCIER, 2015; LORDE, 1984; RICH, 2010; SAUNDER, 2017), a partir de categorias como heterossexualidade compulsória (FALQUET, 2010; RICH, 2010), identidade lésbica, invisibilidade nas relações e na própria existência, invisibilidade dentro do próprio movimento LGBTQIA+ e feminista (SOARES; COSTA, 2014), e a própria lesbianidade como resistência política (CLARK, 1990; FALQUET, 2010; RICH, 2010; SILVA, 2018). Outro ponto que impulsiona esta pesquisa é tratar a lesbianidade enquanto categoria social, não individualizada, construída socialmente, porém marcada por subjetividades. Do mesmo modo, considero refletir sobre a reivindicação de elementos como a autonomia e auto-organização, e a própria atuação independente como parte da ação política dentro do movimento lésbico⁴.

Pensar a categoria lesbianidade, pensar a própria categoria lésbica, são também noções a serem investigadas. Proponho assim, refletir quando se usa *lésbica* e *sapatão* e o que se caracteriza nas utilizações deste termo, quais significações e pesos carregam. Desta forma, “[...] o termo lésbica tem sido empregado com associações clínicas, limitadas com definição patriarcal, a amizade e o companheirismo feminino são colocados à parte do erótico, limitando, portanto, o erótico em si mesmo” (RICH, 2010, p. 40). O termo *sapatão*, por sua vez, é utilizado com bastante frequência como uma resignificação de um termo tido como xingamento. É comum ouvir em relatos de violência, descrições de alguma situação que esta expressão aparece como uma palavra de xingamento, na tentativa de diminuir ou humilhar uma mulher que não está “reproduzindo os padrões femininos”. Por isso, falar que se é sapatão, se afirmar assim, surge como algo que ultrapassa a discussão da orientação sexual e chega mesmo nas discussões acerca das identidades de gênero, e nesse sentido, parece

⁴ Discussões acerca do movimento lésbico, especificamente, serão feitas a partir do capítulo 3.

demarcar um lugar político frente a essas violências sofridas ao decorrer dessa existência. E ainda sobre lesbianidade, conforme Falquet (2012):

Tal como hoje é definido no pensamento ocidental dominante, a lesbianidade é uma categoria recente. Ela implica numerosos postulados eminentemente sociais, os quais foram progressivamente instalados em diferentes sociedades. Alguns deles são amplamente partilhados para além do mundo ocidental – a crença na existência de mulheres e de homens, e em que estas mulheres e estes homens são como tal em função de um “sexo” que lhes seria conferido pela Natureza (FALQUET, 2012, p.10-11).

Nesse sentido, as produções acerca do movimento lésbico, grupo de lésbicas, ou mesmo “um corpo lésbico” estão imbricadas, em alguma medida, numa mesma direção: a quebra de uma obrigatoriedade da heterossexualidade e logo, o rompimento com inúmeros condicionamentos que esta impõe; a lesbianidade como algo além de uma orientação sexual, e o surgimento da necessidade de articular-se ou mesmo de tornar suas afetividades e subjetividades visíveis, seja no próprio movimento ou mesmo nas diversas experiências de mulheres lésbicas:

Ao enquadrar a lesbianidade como um ato de resistência, sugerindo que as lésbicas escapam do destino das mulheres, e que a mulher que se elege ser lesbiana vive perigosamente, Clarke (1990) posiciona a lesbianidade feminista produtora do “corpo lésbico” em um quadro epistemológico em que todas as pessoas são capazes de aprender e ensinar e, sobretudo, se transformar (SILVA, 2018, p. 99).

Outra questão que se coloca como ponto reflexivo na feitura da pesquisa, é a noção de interseccionalidade (AKOTIRENE, 2018; CURIEL, 2007; HIRATA, 2014; HOOKS, 1981) como categoria analítica relevante para a construção deste texto. Como uma categoria que possibilita visualizar a inseparabilidade estrutural de opressões, tais como o racismo e capitalismo, tornando-se igualmente necessário pensar sobre o debate do feminismo negro, o debate sobre cis-hetéro-normatividade, discussões acerca da temática do capacitismo e mulheres com deficiência. De fato, durante a realização da pesquisa, os principais marcadores sociais da diferença que pude mapear, além do fato de serem mulheres lésbicas, foram as questões acerca de classe, raça/etnia, idade e o tipo de expressão de gênero e sexualidade. Pensar a interseccionalidade não foi algo dado de início, mas fez parte das descobertas do campo, uma vez que, conforme mostrarei mais adiante, as “Quitérias”, como elas se autodefinem refletem e incorporam essa dimensão em sua prática cotidiana, exigindo, portanto sua inclusão na pesquisa.

As produções teóricas acerca da lesbianidade ou do próprio movimento lésbico, parecem se aproximar de uma pauta em comum, que é a de tornar visíveis as vivências e experiências lésbicas, assim como estabelecer a garantia e legitimidade desse lugar de fala, isto é, questões sobre visibilidade e representatividade parecem ser aquilo que mais atravessa esse movimento. Não menos importante, a necessidade de recriar nossa história a partir de nossas lentes, na tentativa de consolidar tais saberes. Nesse sentido, as discussões acerca da lesbianidade, práticas sexuais e os próprios conflitos existentes dentro dos movimentos LGBTQIA+ e feminista, fazem parte desta pesquisa.

Aqui, apresento como seguirá essa monografia, os capítulos que a compõem são: o primeiro, que trata sobre lesbianidade, focando nos temas acerca da heterossexualidade compulsória, violência e silenciamento; o segundo trata da metodologia utilizada nesta pesquisa; o terceiro se centraliza nas questões sobre a história do movimento lésbico no Brasil e na Paraíba; o quarto capítulo trabalha a memória e experiências com as Quitérias; o quinto capítulo trata do IV ENLESBI (IV Encontro de Mulheres Lésbicas e Bissexuais da Paraíba), que seguido das entrevistas, é onde se concentra a maior densidade de dados coletados. No último capítulo, trabalho as considerações finais em torno da pesquisa.

Capítulo 1

Descrevendo nossas relações, pensando lesbianidades: heterossexualidade compulsória, violência e silenciamento.

Quando refletimos acerca da lesbianidade, do ser lésbica, ser sapatão, surge a possibilidade de se pensar: onde se localiza a mulher lésbica? A que lugares pertence este corpo? Pensar o mundo social enquanto pesquisadora e lésbica me leva a questionar onde se localiza o corpo da mulher lésbica, isto é, onde nós estamos. Qual o imaginário social que foi construído sobre ser lésbica, ser sapatão? Neste capítulo, apresento brevemente algumas das questões que me inquietaram ao longo deste percurso de pesquisa, tanto em termos conceituais como no que diz respeito a minhas motivações de caráter subjetivo e político. Nesse sentido, como se verá, a questão da violência termina ganhando um espaço importante nesta reflexão, por entender que ela permeia as existências lésbicas e também é um dos aspectos que motiva a articulação coletiva de movimentos como o Maria Quitéria.

Rompendo o silêncio que permeia a discussão sobre lesbianidades, proponho nesta pesquisa uma análise da heterossexualidade compulsória que tanto condiciona essa existência, que atravessa a identidade da mulher lésbica em sua vida social. Para pensar a heterossexualidade compulsória trago Rich (2010):

As instituições nas quais as mulheres são tradicionalmente controladas – a maternidade em contexto patriarcal, a exploração econômica, a família nuclear, a heterossexualidade compulsória – têm sido fortalecidas através da legislação, como um *fiat* religioso, pelas imagens midiáticas e por esforços de censura (RICH, 2010, p. 10).

Como mencionado na introdução, é preciso falar que quando cito a mulher lésbica não me refiro a uma só, porque não há um só tipo, com determinada experiência, as mulheres são diversas, com recortes diferentes, de classe, de raça/etnia e inclusive, como se identificam também. O que questiono, assim, é pensar nossas relações a partir de nós mesmas, e a possibilidade disso existir. Uma vez que um dos pontos mais fortes tanto na literatura lésbica, quanto na própria existência diária é a falta de representatividade em diversos aspectos da vida social. Vale salientar acerca das diferentes experiências lésbicas, que nem todas sentem de forma tão presente essa falta de representatividade. Agora o que se faz muito presente tanto

nos estudos lésbicos, como acompanhando o GMMQ, ou mesmo na vida diária, é a necessidade de se sentir representada na vida, que nossas afetividades sejam contadas de forma justa e coerente com nossas vivências. Não só apenas um desenho bizarro de quem somos.

Assim, tratar do tema lesbianidades me parece bastante urgente. A vontade de escrever sobre este tema perpassa diversos acontecimentos que me afetaram e afetam enquanto pesquisadora. Ao ouvir relatos de outras mulheres lésbicas, pude pensar sobre as violências que atravessam a vida da mulher lésbica.

1.1 Sobre as violências sofridas

A violência foi uma questão central nas conversas que tive nessa pesquisa e também nos espaços políticos em que estive presente. Meu primeiro contato com o Grupo Maria Quitéria, inclusive, anterior ao início “oficial” desta pesquisa, foi perpassado por esse tema. Foi no dia 14 de março de 2019, no “Festival Marielle Vive – 12 horas de Resistência para 12 meses de Espera”, que aconteceu no Parque Sólon de Lucena, conhecido como a Lagoa, no centro de João Pessoa. Nesse dia houve a roda de conversa “Lesbocídio: o crime que ninguém fala”, facilitada pelo Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais da Paraíba - Maria Quitéria. Me fiz presente na roda, onde pude aprender sobre coisas que eu nem fazia ideia, como a própria palavra que dava nome a roda, lesbocídio, a morte de mulheres lésbicas por repulsa ou discriminação à existência lésbica. As falas daquele dia foram bem impactantes e em muitas delas pude me reconhecer. A partir disso, foi possível analisar o apagamento da mulher lésbica e pensar onde ele se faz perceber. Pontuo que é no silêncio, no não falar, no não lugar, a presença na ausência. Aqui, pude refletir, que além da invisibilidade posta em nossas existências, a inaudibilidade (SPIVAK, 2010) está colocada igualmente, isto é, a questão de falar e ser ouvida efetivamente, como uma voz que possui alguma importância, é retirada cotidianamente da vida de mulheres lésbicas.

A respeito das violências que permeiam a existência lésbica, surge em entrevista com o GMMQ um diálogo entre duas integrantes, quando explicam, sobre as atividades e ações realizadas ao longo da trajetória do Grupo, assim, aparece a questão acerca da divulgação de determinada atividade da agenda delas. Aparentemente, surge um receio de uma delas em querer divulgar no carro de som, falar ao microfone, que aquele grupo, o Maria Quitéria, era

um grupo formado por mulheres lésbicas e bissexuais. O receio de pronunciar que se é lésbica, sapatão, portanto, estava ali colocado, não por conta da falta de reconhecimento da própria existência enquanto um Grupo formado por mulheres lésbicas e bissexuais, mas porquê a ideia de sofrer alguma violência física e/ou psicológica por ser sapatão, parece ser algo recorrente na vida das mulheres lésbicas⁵.

Outra questão que surge quando olhamos para as violências postas na existência lésbica, é sobre a necessidade de criar “justificativas” para explicar os motivos que levam uma mulher a ser sapatão, o que pode ser considerada, a meu ver, uma violência bastante corriqueira. Assim, a ideia de uma mulher se interessar por outra de forma afetiva-sexual não pode ser ela mesma a justificativa da existência lésbica, são levantadas, portanto, inúmeras “justificativas” tidas com brincadeiras sobre essa existência. Como exemplo, talvez a mais corriqueira, seja: “ela se decepcionou com homens, por isso agora prefere mulheres”, direcionando essa existência para uma espécie de escora de abusos masculinos. Ainda: “outra camada de mentira é a implicação, encontrada de modo frequente, de que as mulheres inclinam-se para outras mulheres por conta de um ódio próprio pelos homens” (RICH, 2010, p. 42). Este eterno exercício de colocar os homens na centralidade da vida das mulheres, principalmente das lésbicas.

Essas violências, portanto, parecem partir de um mesmo lugar, da invisibilidade posta dentro das relações lésbicas e da própria existência lésbica. O que venho reafirmando neste início do trabalho, não à toa, porque por serem invisíveis essas relações e essas existências, torna-se muito difícil falar de qualquer outra pauta que não seja a luta pela visibilidade, o que torna mais difícil ainda, sugiro, apontar quais são as dores, as violências e outras experiências que se passam na vida da mulher lésbica, as experiências de alegria, bem estar, prazer. A busca pela visibilidade, mas com dignidade e cidadania.

A invisibilidade, então, parece ser a maior violência sofrida, porque intrínsecas a ela todas as outras estão colocadas. A partir daqui, vale pensar de onde surge a motivação dessas violências, isto é, o que afinal – questiono - é tão incômodo para o resto da sociedade lidar,

⁵ O diálogo a que me refiro pode ser visto na íntegra no capítulo 4 “Da memória e experiências com As Quitérias”.

que seja preciso utilizar, em diversos aspectos da vida, tais violências, principalmente este apagamento e invisibilidade? Lessa (2007) aponta caminhos para se pensar isso:

Esse silêncio é antes um apagamento das vozes, um assujeitamento desejado das mulheres à hegemonia heterossexista, dominada pelo masculino e centrada na função reprodutiva, visto que o amor entre mulheres ou mesmo o sexo entre mulheres quebra a norma da heterossexualidade na qual o ser-mulher é constituído. Aqui, tanto na relação afetiva quanto na sexual, o referente masculino está ausente; torna-se, portanto, uma relação impossível até de ser pensada (LESSA, 2007, p. 17).

Questiono, assim, em meio à tantos discursos que circulam sobre ser lésbica: por que ainda há tanto apagamento/silenciamento? As inquietações surgem e me direcionam a pensar porque mesmo em meio à tantos discursos sobre gênero e sexualidade - ser lésbica, sapatão- parece ainda ficar surdina desses movimentos? Nesse diálogo com Lessa (2007), ela aponta “a política do silêncio é a melhor aliada da política do esquecimento”, sinalizando caminhos para pensar sobre este apagamento:

Para Navarro-Swain (2000, p. 26), há muitos sentidos expressos no silêncio que a história busca impor sobre a temática da lesbiandade, pois a política do silêncio é a melhor aliada da política do esquecimento. Não é dito, logo não é lembrado; não é lembrado, não existe, ou, quando suas existências são lembradas, os sentidos que lhes imprimem são sentidos negativos: as lesbianas são relegadas à aberração, vistas como homens incompletos ou mesmo como o avesso da verdadeira mulher. A representação da mulher como submissa ao macho é quebrada na relação homoafetiva entre mulheres, pois o masculino é aqui excluído; sua posição de superioridade, torna-se, então, sem sentido. As lesbianas representam uma quebra à ordem naturalizada da heterossexualidade dominada pelo masculino. Segundo a autora, ‘apaga-se ou se destrói o que não interessa à moral, às convicções, aos costumes, à permanência de tradições e valores que são dominantes em determinada época’ (NAVARRO-SWAIN, 2000, p. 15, *apud* LESSA, 2007, p. 17).

É observando as estruturas sociais, as relações de poder e tudo aquilo que acredito que nos permeia e assim nos condiciona, que incito essa discussão. Trato do termo lesbianidades por acreditar que as práticas afetivas-sexuais entre mulheres adentram diversas categorias: desde modos de ser, de pensar, modos de existências, de resistências. Lesbianidades, no plural, porque adentram inúmeras ações nos corpos que carregam essa sexualidade. Quando falo de resistências e existências, atento ao fato de que ser mulher lésbica não pertence apenas ao local das orientações sexuais. E por quê? Porque a heterossexualidade compulsória, junto com a binariedade de gênero, desde a socialização, desde o nascimento, atrela gênero a sexualidade⁶, e assim determinados condicionamentos são lançados, que de um jeito ou de

⁶ Ver Gayle Rubin, “Tráfico de mulheres”, (1993).

outro, determinam o enredo do que é ser mulher ou homem, e por isso mesmo, proponho o exercício de refletir o quanto isso é violento.

Outro ponto importante é que nessa socialização há também a rivalidade histórica entre mulheres, a competição, o ódio gratuito cultivado desde a infância. Desde “quem é a mais bonita?” ou mesmo, “quem vai ficar com aquele garoto?”, dentre outras competições existentes nas relações estabelecidas entre mulher e mulher. Visto isso e entendido que a socialização tem a base heteronormativa, reflito sobre a ideia de lesbianidade ser além de uma orientação sexual, entendendo que numa socialização que nos condiciona a respeitar, amar, desejar e cuidar dos homens, relacionar-se com mulheres de maneira afetiva-sexual é mais que uma sexualidade, é um rompimento. Amar e/ou desejar outras mulheres não parece ser das práticas mais aceitáveis numa sociedade onde a competição, ódio e rivalidade histórica entre mulheres é fator condicionante às existências. Portanto, há que se perguntar:

Onde estão, quem são, como vivem? Como se vêem, como se agrupam? Que laços poderiam unir pessoas de culturas, classes, etnias diferentes? Uma certa idéia da vida, do amor, do sexo ou práticas específicas que as distinguem das demais? Quem são aquelas que saíram do anonimato para enfrentar o repúdio, a repressão ou a condescendência? Quem ousa explicitar suas preferências e, finalmente, a questão a meu ver crucial, para que explicitá-las? (NAVARRO-SWAIN, 2000b, p. 38, *apud* LESSA, 2017, p. 227).

Este exercício de explicitar a existência lésbica demonstra a necessidade de se pensar onde somos reconhecidas e onde a gente encontra algum tipo de representatividade, o que torna urgente a discussão sobre esse apagamento e invisibilidade. Rich (2010) faz um exercício bastante interessante acerca disso, apontando que tal apagamento não acontece à toa:

A existência lésbica inclui tanto a ruptura de um tabu quanto a rejeição de um modo compulsório de vida. É também um ataque direto e indireto ao direito masculino de ter acesso às mulheres. Mas é muito mais do que isso, de fato, embora possamos começar a percebê-la como uma forma de exprimir uma recusa ao patriarcado, um ato de resistência. Ela inclui, certamente, isolamento, ódio pessoal, colapso, alcoolismo, suicídio e violência entre mulheres. Ao nosso próprio risco, romantizamos o que significa amar e agir contra a corrente sob a ameaça de pesadas penalidades. E a existência lésbica tem sido vivida (diferentemente, digamos, da existência judaica e católica) sem acesso a qualquer conhecimento de tradição, continuidade e esteio social. A destruição de registros, memória e cartas documentando as realidades da existência lésbica deve ser tomada seriamente como um meio de manter a heterossexualidade compulsória para as mulheres, afinal o que tem sido colocados à parte de nosso conhecimento é a alegria, a sensualidade, a coragem, e a comunidade, bem como a culpa, a autonegação e a dor (RICH, 2010, p. 36).

Sinalizo, assim, para a possibilidade de uma construção de trajetórias e narrativas que se aproximem, em alguma medida, de nossas vivências. Vale questionar, portanto, o que temos desenhado sobre nossas existências, o que, por exemplo, se pensa sobre uma sapatão? Arrisco colocar alguns aspectos sobre como somos retratadas, isto é, uma caricatura da “imagem de uma sapatão”. Assim, os filmes retratam de forma exótica as relações entre mulheres, a pornografia nos coloca como fetiche, as novelas brasileiras, assim como tantos filmes, ao tratar, refletem enormes exageros acerca do ser lésbica: seja reforçando estereótipos, isto é, a mulher definida como “a sapatão”, com corporalidades entendidas como masculinas, e a outra, que ainda está se descobrindo, largando o marido e a vida heteronormativa para viver uma “aventura” com outra mulher. E a representação mais bizarra, talvez seja a de sempre colocar um homem dentro e/ou entre as relações lésbicas exibidas nos filmes, séries e novelas, nos levando a crer que é bem normal ter um homem numa relação de mulheres lésbicas. Assim, percebo que é colocado à beira, à margem, um abjeto, é feito um desenho estranho, que dificilmente, arrisco dizer, podem ser comparados com as realidades vividas de mulheres lésbicas:

A abjeção refere-se aquilo que remete à falta de humanidade, ao não ser, ao que está fora do lugar; implica na separação de fronteiras entre humano e animal, interior e exterior (Figari & Díaz-Benitez, 2009), coloca à margem, aquilo que polui, que contagia, que está disforme, que é torpe, relacionado ao último grau da baixeza. Ao ultrapassar a condição de normatividade, restringe o reconhecimento social (COSTA; SOARES, 2014, p.2).

Como já dito, o que há é um imaginário fetichizado pela indústria pornográfica. Discussão bem utilizada por Rich (2010):

Como influência sobre a consciência, a função da pornografia é atualmente uma grande questão pública de nossos tempos, quando uma indústria multibilionária tem o poder de disseminar imagens visualmente degradantes, crescentemente sadísticas das mulheres. Contudo, mesmo a propaganda e a pornografia, digamos, “leves”, apresentam as mulheres como objetos de apetite sexual sem nenhum conteúdo emocional, sem qualquer significado individual ou personalidade – essencialmente como uma mercadoria sexual a ser consumida por homens. A chamada pornografia lésbica, criada para o olhar voyeurístico masculino, é igualmente vazia de conteúdo emocional e personalidade individual. A mensagem mais perniciosa transmitida pela pornografia é a de que as mulheres são presas sexuais naturais dos homens e que elas gostam disso, que sexualidade e violência são congruentes e que, para as mulheres, o sexo é essencialmente masoquista, uma humilhação prazerosa, um abuso físico erotizado. Porém, junto dessa mensagem vem outra, nem sempre reconhecida: de que a submissão imposta e o uso de crueldade, se acontece com um casal heterossexual, é sexualmente “normal”, enquanto a sensualidade entre mulheres, inclusive mutualidade erótica e respeito, é “estranha”, “doentia”, mesmo pornográfica em si mesma e não muito excitante, quando é comparada com a sexualidade de chicotes, das 18 cordas e dos nós. A pornografia não cria

simplesmente uma atmosfera na qual sexo e violência seriam intercambiáveis. *Ela amplia o conjunto de comportamento considerado aceitável para os homens em seus intercursos heterossexuais* – comportamento que retira das mulheres reiteradamente de sua autonomia, de sua dignidade e de seu potencial sexual, inclusive o potencial de amar e ser amada por mulheres com mutualidade e integridade (RICH, 2010, p.10-11).

Em diálogo, trago a fala de uma das integrantes do Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais da Paraíba - Maria Quitéria, no evento “Amores (In)visíveis: Resistências em tempo de retrocesso”, sendo possível compreender sobre essas questões que coloco aqui, assim:

Como eu mesma que estou resistindo, vou saber o que é resistir? Se tenho diversas inseguranças postas em mim? Se essa foi a forma que fui construída? Como vamos compreender essa resistência se não temos referência? Eu não aprendi, nós não aprendemos sobre isso. E como fica nossos sentimentos, nossas mentes? Para lutar por direitos temos que entender o que são direitos. São só leis? Temos que construir afetividades e desconstruir tudo isso que construíram pra gente se atacar, competir.⁷

Embora seja preciso reconhecer quão amplo é o campo de debate acerca da violência, e ainda assim, reconhecer também outras inúmeras violências que possivelmente atravessam a existência da mulher lésbica, parece ser possível mapear as violências mais presentes quando nos aproximamos da temática sobre lesbianidade ou mesmo quando pensamos sobre aquelas que atravessam a vida social de muitas mulheres lésbicas. Nesse sentido, busco trazer à tona trajetórias e narrativas que possibilitam uma oportunidade de visualizar questões em torno da representatividade e visibilidade acerca da existência lésbica. A possibilidade de acessar experiências aqui colocadas, com a preocupação de dar continuidades as histórias de mulheres lésbicas.

⁷ Fala da integrante do Grupo Maria Quitéria no evento “Amores (In)visíveis: Resistências em tempo de retrocesso”, 10/05/2019.

Capítulo 2

Metodologia e Dilemas da Pesquisa

Pela natureza das questões que me mobilizaram na definição e na execução do projeto, foi utilizado nesta pesquisa o método etnográfico, sendo de tipo qualitativo, com a técnica de observação participante e entrevista semi-estruturada. O período que a pesquisa se deu foi entre março de 2019 a janeiro de 2020. Após negociar com o grupo a realização desta pesquisa, passei a participar das atividades propostas pelo GMMQ, seja quando elas me chamavam para fazer parte de alguma ação ou quando eu mesma me colocava disponível para isso, ou ainda para falar sobre alguma pauta, tema em questão. Nesses momentos, interagi o máximo possível com as participantes do Maria Quitéria e com as pessoas que assistem suas atividades e tentei exercitar da melhor maneira as faculdades exigidas no trabalho etnográfico – *Olhar, ouvir, escrever* (OLIVEIRA, 1996).

Assim, tive muitas conversas, tentei captar e reconhecer o que ocorria ao meu redor, descrevendo e registrando posteriormente tudo no meu diário de campo. Após uma primeira elaboração dos dados, senti falta de um maior aprofundamento e por isso realizei uma entrevista coletiva com quatro participantes do Grupo, seguindo um roteiro flexível, abordando os seguintes temas: memória e trajetória, objetivos do Maria Quitéria, associações e conflitos com outros/as agentes do campo, desafios para o futuro. Embora tenha plena consciência do caráter exploratório desta pesquisa, que pretendo aprofundar no meu mestrado, a opção metodológica me permitiu etnografar as ações que o GMMQ desenvolveu durante esse período de pesquisa, assim como vivenciar o cotidiano de luta e resistência que o Grupo inspira.

Uma vez inserida no campo enquanto pesquisadora, pude alinhar as idas ao campo junto às interlocutoras. O campo, por sua vez, se fez em diversos lugares, tudo dependia de onde seria e como seria a atividade que o GMMQ estaria propondo. Como pude presenciar, o GMMQ organiza, articula e desenvolve suas ações em lugares diversos. E embora o Grupo tenha uma sede no centro da cidade, e se utilize dela, é possível verificar a movimentação do

Grupo muito mais nas casas das integrantes. Em uma conversa com Marli Soares, arte educadora, mulher negra e uma das integrantes mais antigas do Grupo, ela me disse que o GMMQ é formado por mulheres periféricas, e que algumas vezes o deslocamento para o centro se torna uma questão. Isto não implica na não utilização da sede do Grupo, o que de fato demonstra é uma dinâmica de organização aberta. Deste modo, pude vivenciar esta pesquisa nos espaços da UFPB (Universidade Federal da Paraíba), nas casas das integrantes do GMMQ, na sede do Grupo localizada no centro da cidade de João Pessoa, na CEJUBE (Centro de Atividades e Lazer Padre Juarez Benício Gramame), no Parque Sólon de Lucena e também no Centro de Reeducação Feminina Maria Júlia Maranhão⁸, localizado em Mangabeira.

Buscando compreender aquilo que é relativo ao fazer das Quitérias enquanto Grupo, estabeleci um diálogo constante acerca de suas atividades, acompanhando as ações propostas naquele período, fosse pessoalmente, por mensagens de virtuais e/ou ligações, na tentativa de construir uma rede de troca de informações que me permitisse ter acesso aos mais diversos passos que elas dão. Ainda nesse sentido, fui o mais devagar possível que se pode ir a campo, sem questionar muito (embora as dúvidas surgissem a todo momento!), sem interpelar tanto, quando, por exemplo, o Grupo estava em alguma atividade.

Onde eu me fazia mais pesquisadora (se é que possível ser menos) era nos intervalos de uma atividade e outra, como ocorreu em algumas ocasiões ao pegar carona com alguma *quitéria*. Acreditando assim, que num ritmo mais lento, numa pesquisa menos incisiva, menos investigativa, quanto menos eu *interferisse* no campo, menos eu *afetaria* os resultados e a própria etnografia em si, mais informações *limpas* eu teria. Pensei em imergir no campo e não somente acioná-lo como um lugar estático, programado. Acho que por tanto receio de fazer uma antropologia tradicional, aquela que ainda exotifica o que se estuda, com receio de tornar meu objeto de pesquisa um objeto de fato, caí na inocência de que as coisas iriam se encaixar *naturalmente*. E aquelas lacunas que estavam em meu diário de campo iriam se preencher ao decorrer da pesquisa. Mas, quando estava já no processo de escrita da monografia, percebi que essas lacunas não haviam sido preenchidas, o que me levou a voltar a campo e a tentar abordagens mais proativas.

⁸ Embora a ação realizada no referido Centro de Reeducação seja parte relevante dentro da agenda do Grupo, não me coube ferramentas necessárias para empreender tal discussão no presente momento da pesquisa.

A questão acerca do próprio fazer antropológico, assim, aparece como marco na feitura desta pesquisa. Para isso, propus como ferramenta pensar a categoria de antropologia compartilhada, inicialmente proposta desde a antropologia visual e da imagem, como um exercício de devolver as imagens aos protagonistas delas, e, se possível, construí-las junto com eles (RIAL, 2014, p. 202). No meu caso, compreendo a importância de um fazer antropológico junto às interlocutoras desta pesquisa de maneira igualmente compartilhada, embora a feitura do texto seja de minha responsabilidade. Por esse mesmo caminho, nego a ideia de uma ciência distanciada e neutra, assim, abordo a noção de que todo conhecimento é situado. Como bem ressalta Hirata (2014), tal conceitualização partilha do pressuposto central da epistemologia feminista de que:

As definições vigentes de neutralidade, objetividade, racionalidade e universalidade da ciência, na verdade, frequentemente incorporam a visão do mundo das pessoas que criaram essa ciência: homens – os machos – ocidentais, membros das classes dominantes (Lowy, 2009, p. 40) e, podemos acrescentar, brancos (HIRATA, 2014, p.61-62).

No mesmo sentido, questões em torno da legitimidade de construir uma pesquisa com essas pautas, refletindo sobre meu lugar de pesquisadora, surgiram neste fazer. A relevância desta pesquisa, o exercício de construir um conhecimento pautado nestes temas, as questões epistemológicas, foram preocupações que estiveram a todo momento presentes. Por isso, reitero que a posição que ocupo para a construção desta pesquisa é de compreender que todo conhecimento é situado. Conforme afirma Abu-Lughod (2018):

Mesmo quando se apresentam estudando gênero, antropólogas feministas são desdenhadas por supostamente apresentarem uma imagem apenas parcial das sociedades que estudam, porque as consideram como estudando somente mulheres. [...] Ainda assim, poderíamos facilmente argumentar que a maioria dos estudos sobre sociedade tem sido igualmente parcial. Como indicam os novos estudos de Weiner (1976) sobre os trobriandeses de Malinowski, ou Bell (1983) sobre os bem-estudados aborígenes australianos, estes têm sido o estudo sobre homens. Isso não torna tais estudos menos valiosos; simplesmente nos lembra que devemos atentar constantemente para a posicionalidade do eu antropológico e de suas representações do outro (ABU-LUGHOD, 2018, p. 198).

Por isso penso ser necessário também traçar uma reflexão acerca da postura da pesquisadora em campo. Para pensar sobre isso, trago o registro feito em diário de campo do primeiro encontro com o GMMQ, que intitulo “Mensagens, Espera e Correria: Primeiro Contato Presencial Oficial Com O Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais da Paraíba - Maria Quitéria”:

No dia 19 de agosto de 2019, falei pela primeira vez com Marli Soares, integrante do grupo Maria Quitéria, pelo Whatsapp⁹. Conteí quais eram minhas intenções e quais motivos me levaram a entrar em contato com o Grupo. Numa resposta curta, Marli confirma que era possível sim acompanhar o grupo enquanto pesquisadora e nesse mesmo momento perguntei quando a gente podia se encontrar. Ela demorou a responder, mas insisti e perguntei novamente se naquela mesma semana seria possível um primeiro encontro, mas não tive nenhuma resposta naquele dia. Eu tive pressa por dois motivos: o primeiro era porque meu interesse em acompanhar as atividades já era “antigo”, isto é, desde quando senti interesse em pesquisar lesbianidades. O segundo motivo era porque eu já acompanhava o Grupo nas redes sociais, e estava sendo divulgado há algum tempo o IV Encontro de Mulheres Lésbicas e Bissexuais da Paraíba - 2019, o ENLESBI, encontro que já tinha ouvido falar antes e que me parecia ser um lugar incrível pra minha pesquisa se desenvolver. Este encontro também aconteceria junto com atividades vinculadas ao mês da visibilidade lésbica, que é agosto. Vendo tanta coisa acontecendo, era muito urgente que esse primeiro contato com o grupo desse certo. No outro dia [20.08.19], por volta das 17h, Marli me respondeu perguntando se eu estava na universidade naquele momento, pois o grupo ia ter uma reunião na UFPB. Em resposta, disse a ela que ainda não estava na universidade, mas estava a caminho, e que quando eu chegasse por lá, avisaria. (E que sorte estar indo pra lá, pensei!) Cheguei à universidade e mandei uma mensagem pra Marli, avisando que já havia chegado. Sentei e esperei... E nada, nenhuma resposta de volta. Nessa espera, encontrei algumas amigas, sentamos na Praça do CE (Centro de Educação) da UFPB, e começamos a conversar, tomamos um café... conversa vai, conversa vem, eu já estava ficando desacreditada, porque não chegava mensagem nenhuma no meu celular. Quando avisto Marli na parte exterior da praça, do outro lado, com outras mulheres que também integram O Grupo Maria Quitéria, indo em direção a uma mesa. Pensei rapidamente que: poucas vezes senti tão forte a sensação de estar no lugar certo, na hora certa. Nesse mesmo instante corri, mal me despedi das amigas com quem estava conversando, e corri (corri mesmo) para alcançar elas. Antes de perceber que elas estavam procurando uma mesa para ficar, pela velocidade que vi elas passarem, imaginei que elas estavam numa correria e que estavam apenas de passagem, por isso corri, fiquei com receio de perdê-las de vista. E foi chegando mais perto de onde elas estavam que percebi que elas iam ficar por ali mesmo, e assim desacelerei, parei de correr, respirei, me aproximei, dei boa noite a todas e cumprimentei Marli com um abraço - conversamos sobre os desencontros das mensagens no Whatsapp - quando ela me informou do que se tratava aquele encontro, me disse que era uma reunião para a organização do IV ENLESBI, reunião que seria uma das últimas, uma vez que a organização do evento já estava sendo feita anteriormente. Como Marli me informou, era uma reunião dedicada aos últimos arranjos para que o evento acontecesse.

E a partir dali, me apresentei meio sem jeito, meio ofegante por causa da corridinha e também porque estava emocionada, não posso negar, de estar pela primeira vez, frente a frente com o Grupo ao qual desejaria me inserir enquanto pesquisadora, e também por ser a primeira vez que iria estar sozinha em campo com um grupo que estava pesquisando. Mesmo que a gente, enquanto estudante de ciências sociais, durante toda a graduação tenha contato com etnografias, diários de campo, pesquisas antropológicas e tudo mais, e mesmo que já se tenha ido a campo, ainda assim reconhecendo essas experiências que se adquire ao decorrer da graduação, me parece ser uma tarefa difícil adentrar numa pesquisa “só sua”. Assim, voltando ao momento que estava me apresentando pela primeira vez ao grupo, deu um nervosismo, comecei a tremer um pouco na voz, falei quem eu era, o curso que fazia, os interesses e motivos que me levaram a estar ali, falei que gostaria de observar as ações do grupo e acompanhar as atividades que o mesmo estava promovendo, e que essa pesquisa tinha o intuito de ser meu trabalho final de conclusão do curso. Toda

⁹ Aplicativo de mensagens.

essa minha fala se deu com as integrantes do grupo já sentadas a mesa, prontas para iniciar aquela reunião, e eu, em pé, no meio daquela praça, com várias conversas e fluxos paralelos ao que estava acontecendo ali, afinal, já era início da noite, numa praça que é ponto de encontro de estudantes, praça de alimentação. Ali estava eu, iniciando minha pesquisa e esperando algum tipo de aprovação daquele grupo. Quando finalizei minha fala, fui convidada a me sentar à mesa para acompanhar a reunião. Era, enfim, o meu primeiro encontro oficial com o Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais da Paraíba - Maria Quitéria (Diário de campo, 20/08/2019).

O trecho deixa evidente a forte euforia e empolgação que me dominava nesse primeiro encontro. Isto por ter recebido um “sim” e ter tido uma boa abertura em campo. Acredito que por conta disso eu deixei passar algumas negociações que ali foram feitas. Quando me apresentei, as mulheres do GMMQ me disseram que elas não dão mais entrevistas, ou participam de pesquisa, porque no fim, elas nunca haviam recebido retorno algum por parte de outras/os pesquisadoras/es. E assim, me coloquei diante delas como uma pesquisadora que não iria fazer isso, porque de fato para mim estava fora de cogitação me utilizar do GMMQ e não pensar em nenhuma restituição (RIAL, 2014) para o Grupo. Ocorre que nem em diário de campo eu registrei isso. O acordo somente surgiu como uma questão quando entrei em contato com o GMMQ, após um longo tempo afastada do campo, e falei da possibilidade de realizar uma entrevista com elas, momento este em que uma das *quitérias* me lembrou, duas vezes, que bem no início elas me avisaram que não dão mais esse tipo de entrevista, mas que iriam fazer essa comigo. Eu estava no meio de uma grande negociação e não sei bem negociar. Como devolutiva, minha interlocutora indicou que eu deveria devolver o que viria escrever sobre elas, e também cobrou a continuidade da colaboração com o Grupo.

Do que decorre minha escrita aqui, orientada desde o lugar que assumo em campo, ou seja, não como uma inquisidora antropóloga, mas como alguém que é convidada a estar junta, compondo, enquanto pesquisadora lésbica, o Grupo. O que nutre ligação com as condições atuais de realização da pesquisa em antropologia, onde a devolutiva é posta em cena pelas/os interlocutores. No entanto, a devolutiva requerida pelas interlocutoras deste estudo me trouxe inquietações na própria realização desta pesquisa, inquietações que por vezes me paralisaram na feitura, por receio de trazer uma escrita insuficiente e também de não conseguir me fazer presente em todas as ações empreendidas pelo Grupo, tendo em vista justamente esse processo de escrita da pesquisa, que demanda tempo e elaboração. Escrita que também buscou outros caminhos, como o desejo de contribuir, no sentido de registro das vivências e

experiências de mulheres lésbicas e somar para as teorias lésbicas no campo das ciências sociais.

Para além dessa negociação, outras reflexões surgem em torno da postura em campo, e em diário de campo descrevo como se dá essa relação com as interlocutoras, traço a reflexão acerca da postura que adotei, refletindo desde como me apresento até o momento da própria escrita etnográfica:

[...] Desde a primeira conversa com grupo, percebi que o tratamento que elas me davam era de aliada, de alguém que estava ali para “botar a mão na massa”. Eu não sei bem como lidar com essa situação, porque acabo pensando que isso é bom, é uma forma de adentrar o campo, estar lado a lado das minhas interlocutoras, até porque, aparentemente, se torna quase que inevitável esse tratamento, pois me coloco de forma pessoal e política como sapatão e militante. Então, na minha visão, me parece que elas me veem como companheira de luta mesmo. Ao mesmo tempo, isso me assusta. Fico pensando profundamente sobre “os distanciamentos” da pesquisa, não aqueles no sentido de tornar a pesquisa algo “objetivo, neutro...”, não. Mas até que ponto participar inteiramente de todas as coisas que as minhas interlocutoras estão fazendo pode fazer com que eu perca algum dado. Ou mesmo, crie algum tipo de expectativa no Grupo. Não que isso seja possível controlar, assim, necessariamente, mas é algo que pode se medir. Enfim, me parece um dilema que muitas pesquisas passam, e mesmo sabendo disso, não deixo de pensar sobre [...] (Diário de Campo, 25/08/2019).

Pensando as questões em torno do distanciamento X implicação, proponho refletir sobre meu lugar de pesquisadora lésbica, tratando de um tema tão próximo. E a partir disso, se fez um desafio escrever sobre o que é próximo, não porque houve dificuldades de apreensão e compreensão do que observei ou mesmo sobre a dificuldade de estranhar o familiar (DA MATTA, 1978, p. 4-5), mas porque as implicações de uma etnografia construída por uma pesquisadora sapatão, sobre um movimento social formado majoritariamente por mulheres sapatão, somada com a questão de ser uma primeira pesquisa, de fato, feita por mim, “sozinha”, e com a própria dificuldade estrutural posta nesta construção, tornou-se, inevitavelmente, uma questão. Arrisco-me a dizer que questões sobre parcialidade, afetação (FAVRET-SAADA, 2008) e ética estiveram colocadas de uma forma bem mais intensa aqui que em outras pesquisas, as ditas “distanciadas”. Por outro lado, nos estudos gays e lésbicos, de modo geral, é muito comum esta identificação, aliás, ela é mesmo, até certo ponto esperada, sendo surpreendente e, por vezes, visto como “suspeito” o interesse em temas LGBTQIA+ por quem é de fora da “comunidade” (MEINERZ, 2011).

É importante também apontar para o risco de se pensar que esse tipo de afinidade/afetação com o campo seria, em si, uma garantia de melhor compreensão. O que torna necessário refletir sobre eu ser uma jovem lésbica que pesquisa o tema, o que pressupõe me desfazer de qualquer possibilidade de essencialismo, no sentido de não pensar que minha experiência, em si, é suficiente para conhecer o campo de pesquisa. Nesse sentido, é necessária uma forte vigilância epistemológica da minha parte para não tomar por certo a identidade de experiências que podem, efetivamente, ser muito distintas, mesmo partilhando a questão da lesbianidade.

Reconhecendo a importância dessa discussão, aqui, parto para a questão acerca da bissexualidade. Como escolha teórica e metodológica, o tema das lesbianidades surge como meu primeiro interesse. Entretanto, a partir do momento que visualizo a possibilidade de trabalhar com o Maria Quitéria, a questão da bissexualidade também está colocada em campo. Atualmente, o Grupo é composto por lideranças majoritariamente lésbicas, porém tem um alcance de parcerias e participação de mulheres bissexuais importante. Apesar disso, a escolha final que fiz, para este momento da monografia, foi dar prioridade à questão das lesbianidades, embora trazendo também alguns dados e elementos sobre bissexualidade, à medida que foram trazidos pelo campo. Isto porque minha escolha nesta pesquisa se coloca, como já foi dito, a partir de minhas experiências pessoais e a necessidade política de reflexão sobre lesbianidades. Então, embora consciente da importância de abrir espaço para a discussão da bissexualidade no campo de gênero e sexualidade, não será neste momento que me debruçarei sobre ela.

Por último, ao decorrer da pesquisa, pude contar com um grande apoio das minhas interlocutoras. A todo contato que eu propunha, elas se colocavam acessíveis, o que facilitou de forma real todo o processo. E por isso mesmo, a questão sobre ética e responsabilidade se coloca tão forte e presente nesta pesquisa, por conta da seriedade que as próprias interlocutoras encaram o dia a dia do Maria Quitéria.

É verdade que a tensão da responsabilidade de trabalhar com este Grupo me trouxe diversas questões, assim como os próprios passos que delimitei como método para a construção dessa pesquisa, como já colocadas anteriormente, o que me levou a tantas inquietações nesta construção. Contudo, acredito que o desenrolar da pesquisa se fez possível

e que as tensões e conflitos aqui descritos fazem parte do necessário processo de se tornar antropóloga e vivenciar, em primeira mão, as agruras e as delícias de fazer uma etnografia, mesmo com todas as limitações que discuti até aqui.

Para dar mais concretude a este estudo, elenco abaixo a sequência de atividades realizadas em campo:

Dia	Atividade principal	Local	Breve descrição
14/03/2019	Roda de conversa sobre o crime de lesbocídio	Parque Sólon de Lucena - Lagoa	Intitulada “Lesbocídio: o crime que ninguém fala”, essa roda tinha o intuito de denunciar e alertar sobre esse crime que é velado socialmente.
10/05/2019	Mesa: “Amores (In)visíveis: Resistências em Tempo de Retrocesso”	Praça do CE (Centro de Educação/UFPB)	Esta mesa tinha como objetivo discutir questões relacionadas a visibilidade e reconhecimento das relações afetivas-sexuais entre lésbicas e bissexuais no contexto político atual.
19/08/2019	Primeiro contato sobre a realização da pesquisa	Redes Sociais Virtuais	Esta foi a primeira vez que fiz contato direto com as integrantes do Grupo Maria Quitéria. Por mensagens virtuais, apresento minhas intenções relacionadas à pesquisa e pergunto sobre a possibilidade de acompanhá-las enquanto pesquisadora.
20/08/2019	Primeiro encontro presencial oficial com o Grupo Maria Quitéria	Praça do CE (Centro de Educação/UFPB)	Este foi o primeiro contato presencial que fiz com o Grupo. Neste dia, as Quitérias haviam marcado uma reunião para decidir os últimos pontos acerca do IV ENLESBI (IV Encontro de Mulheres Lésbicas e Bissexuais da Paraíba)

25/08/2019	Reunião de articulação e organização do IV ENLESBI	Casa das integrantes do Maria Quitéria	Esta reunião foi voltada para as questões acerca do IV ENLESBI: últimos arranjos para a realização do encontro, preparação das bolsas que seriam entregues, organização de listas das inscritas no evento e articulação da divulgação; neste dia, foram apresentadas fotos do histórico do Grupo e vídeos de algumas atividades que as Quitérias vem realizando ao longo de sua trajetória.
30/08/2019	Primeiro dia do IV ENLESBI	CEJUBE (Centro de Atividades e Lazer Padre Juarez Benício Gramame) Bairro Gramame	O primeiro dia do encontro foi composto por um cortejo inicial, a mesa de abertura intitulada “Nossos passos vêm de longe – Lésbicas e Bissexuais Negras em Resistência na Existência Ancestral – Contextualizando o momento atual da política brasileira” e a Intervenção Cultural, no final da programação deste dia.
31/08/2019	Segundo dia do IV ENLESBI	CEJUBE (Centro de Atividades e Lazer Padre Juarez Benício Gramame)	No segundo dia de encontro ocorreram as seguintes atividades, de acordo com a programação do evento: Café com ELLAS (o café da manhã das encontristas); a 1º Gira do encontro, o Diálogo D’ELLAS que foi a mesa da manhã; pela tarde, ocorreu a 2º gira do encontro, oficinas e apresentações culturais.
19/09/19	Reunião para articular a atividade no Centro de Reeducação Maria Júlia Maranhão	Praça do CE (Centro de Educação – UFPB).	Este encontro foi voltado para organizar e articular as ações que seriam feitas no Centro de Reeducação Maria Júlia Maranhão

24/09/2019	Atividade no Centro de Reeducação Maria Júlia Maranhão	Centro de Reeducação Júlia Maranhão – localizado no bairro de Mangabeira	O Grupo Maria Quitéria desenvolve o projeto no Centro de Reeducação, intitulado “Eu também sou cidadã”, que acontece há três anos. De acordo com a agenda do Grupo, essa ação é realizada toda última terça feira do mês.
25/09/2019	Atividade em alusão ao Dia da Visibilidade Bissexual	CCJ (Centro de Ciências Jurídicas – UFPB)	Como citada em seu título, essa mesa pautava as questões acerca da bissexualidade e lesbianidade, sendo composta por uma integrante do Grupo e uma convidada/colaboradora.
17/01/2020	Entrevista com o Grupo Maria Quitéria	Casa das integrantes do Grupo	A partir de um roteiro de perguntas flexíveis, foi realizada uma entrevista coletiva com o Grupo; neste dia, ocorreu uma reunião do Maria Quitéria para tratar sobre projetos que vem desenvolvendo atualmente.

Capítulo 3

Notas sobre a história do movimento lésbico no Brasil e na Paraíba

A história da lesbianidade é uma história clandestina, ignorada e marcada por invisibilidades, contradições e discordâncias entre as historiadoras que assumiram a tarefa de recuperar seus fragmentos. Conta-se com insuficiente disponibilidade de fontes de documentação que confirmem as relações amorosas e sexuais entre mulheres. Por isso, o trabalho de rearticulação da história lesbiana não pode ser considerado apenas um trabalho histórico, antropológico ou político, mas também arqueológico (SOARES; COSTA, 2014, p.14).

Neste capítulo, tomo notas acerca da história do movimento lésbico, passando pelos registros que contam a história do movimento no Brasil e no mundo¹⁰, e por último, aqui na Paraíba, sinalizando para o início da história do Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais - Maria Quitéria.

É possível apontar que registros incorporados à história do movimento lésbico, que contam do surgimento, o colocam associado a outros movimentos, como o movimento feminista e movimento LGBT. Sendo possível verificar que “movimentos sociais de lésbicas no Brasil e no mundo surgem em grupos mistos, focando na busca de acesso às políticas públicas [...] que fortaleceriam essa construção social do movimento” (LESSA, 2007, p. 86). No mesmo sentido, Falquet (2012) caracteriza o movimento lésbico como um movimento social autônomo e crítico de outros movimentos. Essa autonomia, contudo, iria ganhar maior força ao decorrer do tempo.

Pode-se afirmar que a existência semi-pública de coletividades lésbicas em diferentes países ocorre no final do séc. XIX e início do séc. XX, sendo impulsionada entre os anos de 1920 e 1950 (COSTA, 2014; SOARES, 2014). Para exemplificar, Falquet (2012) cita o estudo de Davies e Kennedy (1989) acerca da cidade de Buffalo, nos Estados Unidos, onde havia a existência de comunidades de lésbicas proletárias e/ou racializadas organizadas, como outros grupos também, sob o código de “butch-femme”. Por sua vez, “a nomeação butch/femme

¹⁰ Para não correr o risco de ser pretensiosa, reflito sobre a afirmativa de que os registros que contam do movimento lésbico, são registros “do mundo”, quando, na verdade, pertencem ao mundo ocidental. Contudo, estes foram os registros acessíveis para a presente pesquisa. O que me traz como tarefa para o futuro, a busca por registros do movimento lésbico além desse eixo ocidental.

surge nos Estados Unidos, mas possui equivalentes em outras línguas e países, a exemplo de “caminhoneira” e “bofe” versus “lady”, comumente, empregados no Brasil” (SOARES; COSTA, 2014, p. 15).

No fim dos anos 1970 é que há o surgimento oficial, pode-se dizer assim, do movimento lésbico, com um clima de mudanças sociais e políticas profundas, como a emergência de diversos movimentos progressistas e revolucionários, uma sociedade de consumo em desenvolvimento, dentre outros. Ali no eixo dos Estados Unidos, emergem os movimentos pelos direitos civis, libertação negra, os movimentos feministas e homossexuais, constituindo assim “escolas” políticas para toda uma geração militante. Neste desenrolar, as contradições e insuficiências destes movimentos vivenciadas por mulheres lésbicas, dentre outras razões, leva o movimento lésbico a tomar uma posição de autonomia organizacional e, sobretudo teórica. Colunistas lésbicas nessa época levantavam críticas ao movimento gay dominado por homens brancos e ao movimento feminista, dominado por mulheres brancas heterossexistas e frequentemente heterossexuais (FALQUET, 2012), que não só não incorporavam ao movimento feminista as pautas lésbicas, como temiam ser confundidas com lésbicas. Porque a conotação pejorativa associada a lesbianidade tem sido colocada como forma de desqualificação das proposições feministas (SOARES; COSTA, 2014). Ainda é visto como uma problemática para o feminismo ser identificado como um movimento de lésbicas. É uma barreira, como traz Bonnet (2003), usada pelo patriarcado contra as investidas por direitos e poder político. Se as feministas quisessem se integrar “à sociedade, as mulheres tinham que permanecer mulheres (BONNET, 2003; FERNÁNDEZ, sd, *apud* SOARES; COSTA, 2014, p. 2).

Ainda assim, torna-se preciso refletir sobre as contribuições dos movimentos feministas ao movimento de mulheres lésbicas, sendo possível observar que tal relação faz parte dos estudos e trajetórias lésbicas, uma vez que, como já citado, há uma relação direta entre esses movimentos. Nesse sentido, Costa (2014) e Soares (2014), destacam contribuições que o movimento feminista desenvolveu no âmbito político no Brasil. Em 1980, movimentos feministas surgem no cenário nacional atuantes no processo de redemocratização do país, operando nos âmbitos de denúncia contra a opressão de mulheres, assim como no sentido de propor políticas públicas. A partir disso, há uma forte consolidação de luta e reivindicação de espaços para mulheres. É nesse sentido que se torna necessário relacionar o surgimento do

movimento lésbico aos movimentos feministas, que embora houvesse (e haja) divergências de pautas, como já citado, é de extrema relevância destacar que o movimento lésbico se ancora, em diversos momentos da história, ao movimento feminista¹¹.

De todo modo, como primeira contribuição do movimento lésbico para outros movimentos sociais, Falquet (2012) nos traz:

Assim, o primeiro tipo de contribuição do movimento lésbico para os outros movimentos sociais não é outro senão lhes permitir se interrogar sobre seus limites e sobre o que não foi pensado tanto nas suas práticas cotidianas quanto nos seus objetivos políticos, muito particularmente no domínio da sexualidade, da família, da divisão sexual do trabalho ou da definição dos papéis masculinos e femininos (FALQUET, 2012, p. 15).

Nesse sentido, o momento que surgem os primeiros registros acerca do movimento lésbico é o mesmo momento de multiplicação dos outros movimentos sociais, assim. Como bem aponta Oliveira (2017), o cenário colocado era de um regime de repressão política, o período da ditadura militar, mas no final da década de 1970, há uma abertura que possibilita um momento de expansão desses grupos que trabalhavam em ações coletivas e estimulavam acessar políticas que, aparentemente, o Estado não estava dando conta. Algumas questões emergiam e eram entendidas como necessárias naquele momento, pautas que se confluíam, pode-se dizer assim, num movimento semelhante ao que estava acontecendo no Ocidente, que eram: “enfrentar a violência nos ambientes domiciliares, reconhecer a cidadania de negros, mulheres, homossexuais; combater o avanço de indústrias em detrimento da degradação ambiental” (OLIVEIRA, 2017, p. 325).

Nesse período da década de 1970, o movimento lésbico no Brasil caminha ainda de forma lenta, sendo apenas nos anos de 1980 a 1990 que se observa sua maior expansão. São registrados encontros nacionais feministas – com seu auge nesse período – onde ocorreram momentos importantes de visibilização da presença lésbica no próprio feminismo. E apesar da lesbianidade não ser a pauta central destes encontros, as mulheres realizavam diversas atividades, como oficinas, reuniões, festas, dentre outros, como forma de demarcar suas existências e se fazer presente nos próprios encontros (SOARES E COSTA, 2014, p. 12 e 13).

¹¹ Aproveito este momento para agradecer a minha querida banca do TCC, Prof.^a Dr.^a Sônia Maluf e a mestra Juciane de Gregori, que me apontaram a necessidade e importância de incorporar especificamente a discussão entre o movimento feminista e movimento lésbico.

Como aponta Lessa (2007, p. 27), quando buscamos a história do movimento lésbico no Brasil, “encontramos um universo rico em experiências políticas e uma visível vontade de contar suas histórias.” Os movimentos de *lesbianas*, como cita a autora, são caracterizados por um conjunto de métodos, lutas, gerando uma diversidade de organizações que adentram igualmente uma diversidade de experiências, assim: “trabalho/profissão, classe, etnia, idade, bissexuais, mães, divorciadas, mulheres que nunca se relacionaram afetiva-sexualmente com homens, enfim, uma multiplicidade de locais de fala e de ação” (LESSA, 2007, p. 189).

Outra questão que pude encontrar ao decorrer da literatura, como já citado anteriormente, mas que cabe uma nova aproximação devido à importância desta discussão é a tensão com o movimento feminista e LGBT¹², porque inclusive, é uma questão bastante marcante na história do movimento lésbico no Brasil. Esta tensão encontrada tem a ver com a falta de representatividade e com a própria dimensão da heterossexualidade compulsória, com o apagamento das questões que se faziam importantes para o movimento lésbico, o que resultou, em muitos momentos, na ruptura, em alguma medida, com o movimento LGBT e feminista. Seria inviável não levar em conta essa questão quando pensamos a história do movimento lésbico.

De outro modo, se faz necessário um panorama acerca da história do movimento LGBT na Paraíba. Oliveira (2017) aponta a similaridade que este nutre com movimentos de outros estados, a saber, uma experiência da sexualidade negativada, dada a moralidade vigente na década de 1970. Em contrapartida, aponta o surgimento de um público juvenil e universitário que direcionava suas ações para tornar possíveis as experiências subjetivas em torno de suas sexualidades e afetividades que não podiam ser faladas e vivenciadas numa “cidade ainda profundamente marcada por uma moralidade cristã, comprometida com o disciplinamento dos corpos e dos prazeres” (OLIVEIRA, 2017, p. 331), referindo-se a cidade de João Pessoa.

¹² A utilização da sigla, como já citado, foi encontrada na maior parte da literatura utilizada para esta discussão. Nesse sentido, me refiro aqui apenas “LGBT” no intuito de manter tal utilização de acordo com aquilo que encontrei.

Nesse cenário, surge um primeiro grupo na cidade como movimento social, o Nós Também (NT) que atuou até o ano de 1983 na cidade de João Pessoa. Quase uma década depois, no ano de 1992, é fundado o Movimento do Espírito Lilás (MEL):

[...] um grupo que, como informa um dos seus idealizadores e fundadores, Breno Correia, nasce na cidade de João Pessoa com “o objetivo de ser um movimento de emancipação homossexual”. Congregava gays, lésbicas e algumas poucas travestis e durante os anos iniciais sua atuação seguiu os moldes do antigo “Beira de Esquina”, buscando trazer e discutir demandas e políticas públicas entre o Estado e os homossexuais da cidade em bairros da capital paraibana (OLIVEIRA, 2017, p. 334).

Nos anos de 1992 até 2002, o grupo MEL, atuante até o presente momento na cidade de João Pessoa, se manteve como um grupo misto, que como cita Oliveira (2017), reunia gays, lésbicas e travestis. Passados dez anos, o grupo enfrentou conflitos internos, o que gerou uma reconfiguração do mesmo. Militantes que atuavam no grupo e não se sentiam contempladas, especificamente as travestis e mulheres lésbicas, como aponta Oliveira (2017), passam a buscar uma atuação mais direcionada as pautas específicas de seus segmentos:

Em 2002, no seio dos debates já em desenvolvimento sobre segmentação ou não do MEL surgem os dois grupos que ainda hoje atuam na cidade, orientados especificamente para mulheres lésbicas e bissexuais e o segundo para travestis e transexuais. [...] surgiu a Associação de Travestis e Transexuais da Paraíba (ASTRAPA) e o Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais Maria Quitéria (OLIVEIRA, 2017, p. 341).

O surgimento do Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais da Paraíba – Maria Quitéria, marca o início de uma atuação política militante voltada especificamente às mulheres lésbicas e bissexuais no estado da Paraíba, a suas demandas por visibilidade e cidadania. Trata-se do primeiro movimento social formado por e para mulheres lésbicas e bissexuais na história da cidade. A luta pela visibilidade e pela garantia dessa existência implica pensar uma atuação política que de fato incorpore essas pautas na agenda. Nossas reivindicações se distinguem das demais, contidas nos outros segmentos do movimento social LGBTQIA+, tendo em vista a condição normativa da heterossexualidade, que assume caráter compulsório; limita a existência da mulher, sobreposta à suposta superioridade masculina e a cultura falocêntrica. Por isso mesmo, a existência lésbica, ao romper com os paradigmas dominantes da heterossexualidade compulsória, no que tange aos papéis de gênero e sexualidade, rompe duplamente com os condicionamentos sociais dominantes.

Capítulo 4

Da memória e experiências com As Quitérias

Este capítulo traz narrativas acerca da memória do Grupo a partir de entrevista e observações feitas em campo, assim como descrições a partir deste contato com o GMMQ ao decorrer da pesquisa. Temas como a relação que o Maria Quitéria tem com o Estado e outros grupos da cidade também estão aqui incorporados, organização e articulação acerca da Parada LGBT de João Pessoa (2019), notas sobre bissexualidade e um tópico específico que trata sobre os lemas que guiam os passos do Grupo também adentram este capítulo.

O Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais Maria Quitéria foi fundado em 2002, com o objetivo principal de combate à violência contra mulheres lésbicas e bissexuais, resgatando a cidadania, promovendo a autoestima e objetivando a qualidade de vida¹³, tendo sua sede no centro da cidade de João Pessoa - Paraíba. Direcionando, principalmente, seus trabalhos e ações a mulheres das periferias. Atualmente, cerca de onze mulheres integram o grupo, onde pude ter maior contato com Marli Soares, Cryss Pereira, Fátima Fonseca, Sivi Silva, Aniele Mirtz e Adi Tarjino.

Para pensar a própria história do grupo, acreditando na captura do registro contada por elas mesmas, trago inicialmente em entrevista a seguinte pergunta: “Quem são as Quitérias?”. Elaborei esta pergunta na tentativa de incitar o Grupo acerca de suas memórias, mas principalmente com a ideia de que viesse à tona não somente as datas, os laços e o próprio ano de fundação do Grupo, mas a ideia de identidade, como elas se veem e se reconhecem. Tive a oportunidade de entrevistá-las, possibilitando uma proximidade em torno de suas vivências, e que no dia sugerido para essa entrevista, aconteceria uma reunião entre elas para conversar sobre os projetos que o Grupo vem desenvolvendo atualmente.

Antes de começar a “entrevista oficial”, com o celular gravando, apresentei para o Grupo o roteiro de entrevista proposto. Aniele começou a ler em voz alta as perguntas, como

¹³ Os lemas que guiam os passos do Grupo, como esta definição inicial, foram conferidos em entrevista, assim como em pesquisa do material que o GMMQ tem na internet. Este trecho, por sua vez, foi retirado do blog do Grupo.

se estivessem se familiarizando, e o Grupo, por sua vez, começou a comentar sobre. Ali a entrevista já estava acontecendo, mas eu demorei um pouco para colocar o celular para gravar, e quando liguei, já estávamos nas últimas perguntas (ainda nesse primeiro repasse). Com o celular gravando, a entrevista se inicia a partir da última pergunta que é “Que lugar o Maria Quitéria ocupa no mundo?”, pergunta essa que gera risos e ouço “que ousada!” de Cryss, ao mesmo tempo Marli, num tom de brincadeira, diz que “é o céu e o inferno”.

A partir daqui, a entrevista é iniciada *oficialmente*. Retomamos as perguntas, agora de fato desde o início, e Aniele se encarrega voluntariamente em fazê-las, eu fico com o caderninho na mão, fazendo anotações. Assim, a primeira pergunta é lançada: quem são as Quitérias? Destaco que, a partir desse momento, não identificarei individualmente as *quitérias* quando citá-las na entrevista, buscando preservar suas identidades, sobretudo diante de algumas situações de conflito que é importante explicitar, mas que são delicadas:

- Pra mim, As Quitérias são mulheres que trazem traços desde a infância de querer algo diferente para elas e para as outras. Eu não vejo nenhuma Quitéria aqui dentro que queira uma mudança só pra elas. Eu vejo todas As Quitérias que querem uma mudança social real, dentro da nossa identidade. As Quitérias pra mim são isso. São essas mulheres que pensam para além do seu tempo, para além desse tempo.
- Deixar um legado pras que vierem depois.
- Porque todas têm história, né? Todas têm a sua história, então assim, esse “além”... Você tá trabalhando pra quem e pra que? Essa luta, o que representa essa luta? Essa resistência, esse embate? Quem somos nós, na verdade? Então, já fizemos o grupo já com essa cara, buscando sempre os direitos das mulheres.

Chamo a atenção para alguns aspectos da fala das entrevistadas. Ser uma *quitéria* é algo relacionado com: um compromisso coletivo (querer uma mudança que não seja individual, “só pra elas”), uma atitude de vanguarda (para além do tempo), e uma disposição para o enfrentamento (resistência, embate, luta).

Como foi possível verificar na literatura (vide capítulo anterior), o movimento lésbico paraibano surge, inicialmente, integrado a uma luta por cidadania no campo das sexualidades que tentava agregar os diferentes interesses em torno das identidades sexuais dissidentes. Porém, retrospectivamente, a avaliação que as *quitérias* põem em destaque as relações de poder dentro do movimento, embaladas pelas urgências de uma época e de um coletivo determinado: os homens gays.

- A gente começou de 2014, mas se a gente começar de 2002 é pior ainda.
- Que é o ano de fundação.
- Pelo que eu sei [...] as meninas viviam num grupo misto, grupo guarda-chuva do movimento LGBT de João Pessoa, que é o MEL (Movimento do Espírito Lilás). E as meninas viviam dentro desse grupo misto e nunca tinham vez e nunca tinha voz, eles que falavam por elas, eles que decidiam as pautas, a prioridade das pautas sempre era dos gays, porque as mulheres lésbicas não tinham problema com HIV/AIDS, na época, num é isso? Não tinha a história da “chuca”, da “aquendação”, as mulheres lésbicas num existiam pra essa época.
- Era apenas mais uma letra, numa sequência que ninguém discutia nada, né? Até porque assim, quando o MEL surge, bem lembrado, né... Ele surge nessa luta de sobrevivência na história da saúde, né, ele vem através da saúde, ele vem lá da AIDS, e era muito forte quem tinha AIDS, eram os gays. Era muito forte naqueles tempos.

Diante de muitas possibilidades, o Grupo direciona sua caminhada política na luta pela garantia de um espaço que, aparentemente, não parece ser fácil acessar e por sua vez, ocupar. Ainda:

- [...] Mas a ideia de surgir o Grupo foi pra isso, pra que as mulheres lésbicas e bissexuais tivessem vez e voz.
- [...] Que veio de um movimento nacional onde as lésbicas vieram com essa história também de romper pra ter visibilidade.
- Aí nesse período, Luciano era quem fazia a ponta nacional, então na ponta nacional já tinha essa organização, na década de 80, já tinha essa organização LGBT, que num era LGBT, era GLBT [...]. Foi uma onda, foi uma história, foi uma confusão, que as mulheres, a nível nacional, conseguiram botar o L na frente.
- Na tentativa de dar visibilidade. Tentativa, porque até hoje o protagonismo a nível nacional são dos homens, dos gays. A LBL (Liga Brasileira de Lésbicas) é apagada, o que tem de ativo mesmo são grupos mistos [...]. Se tiver liderança de gay, tem visibilidade [...].

Em outro momento com o Grupo, especificamente no primeiro encontro com o GMMQ, uma das integrantes fala da importância que o Maria Quitéria tem dentro do movimento LGBT na Paraíba, especificamente em João Pessoa. Comenta sobre a necessidade de ocupar espaços, uma vez que são os homens que falam de lesbianidade, afirma ela. Em seguida, comenta sobre a sigla, no mesmo sentido da fala trazida em entrevista anteriormente, fala da luta pela sigla, que antes era GLBT, e do processo que foi vivenciado para que o “L” estivesse à frente da sigla. Neste mesmo relato, ela cita que mesmo estando à frente da sigla “ainda somos esquecidas”. Trata-se de conquistas que, para quem está de fora do movimento, podem parecer minúsculas, mas que revelam como movimentos como o Maria Quitéria

encontram-se, frequentemente, numa dupla frente: afirmando-se diante de seus parceiros no movimento (LGBT ou feminista) e lutando por cidadania na sociedade mais abrangente.

A relação com o Estado e outros movimentos sociais da cidade, como já citado, surge corriqueiramente como pauta nas experiências do Grupo. Na tentativa de apresentar uma análise acerca dessa questão, embora seja preciso afirmar a complexidade aqui colocada. Assim, foi possível observar juntamente os desafios e conflitos que estão colocados na relação do Grupo Maria Quitéria com outros movimentos sociais da cidade, movimentos que, ora contribuem como parceiros, ora invisibilizam o GMMQ, isto é, secundarizam ou mesmo tentam silenciar o Grupo. Deste modo, durante o tempo de pesquisa, pude analisar que a relação com o Estado em termos de luta por políticas públicas e a relação com o Estado em termos de apoio às ações do Grupo, se diferenciam. Neste sentido, no cenário atual político, isto é, em nível nacional, há um esgotamento de políticas públicas voltadas para as demandas de movimentos sociais em todo o Brasil. De outra forma, se tratando de apoio às ações do Grupo, há uma parceria maior com Governo do Estado da Paraíba do que com a Prefeitura de João Pessoa, onde ocorrem maiores desafios. Ainda assim, é preciso afirmar que a luta por cidadania, a garantia de um espaço político e a luta para se conquistar políticas públicas é algo diário, cotidiano, para o Grupo Maria Quitéria. “Nós vamos atrás do poder público porque é nosso direito”, reflexão de uma das integrantes do GMMQ na abertura do IV ENLESBI, que sinaliza a forma como vem se dando a relação do Grupo com tais instâncias. Em entrevista, questiono de forma mais sistemática acerca dessas relações, assim:

- Luriana: Como o Grupo se mantém, quais as parcerias e alianças para desenvolver as ações? Quais caminhos o Grupo busca para desenvolver as diversas ações que executam?

- [...] A gente nunca tinha nada, e aí a gente começou a provocar o poder público, se a gente precisa de lanche, a gente vai atrás da secretaria dos direitos humanos, se a gente precisa de água, a gente vai atrás da vereadora ou deputada tal, se a gente precisa de palco, a gente vai atrás da secretaria de mulheres [...].

- Luriana: Como funciona a relação com o Estado?

- Ah, eu acho que funciona bem. Com o Estado a gente avança mais. Com o poder público hoje a gente sente o baque do Bolsonaro, na verdade, que até então a gente não sabe como está a política nacional, como que tá caminhando, a gente só sabe da política local. A política nacional estacionou.

- A nível local a gente tem uma relação, uma relação de troca, de parceria.

- [...] “é de boa”, mas com o município não.

- Mesmo com o município, com as dificuldades, existe um diálogo. Da parte do grupo, não existe, não?

- Hoje [...] a gente tá fazendo um diálogo porque esses últimos meses, porque a gente vem querendo que continue aquele espaço, né, a gente não quer perder aquele espaço [...].

— Mas não tem diálogo com o município.

— É só “cipuada”, é só decepção.

— Se não fosse o movimento social, aquilo ali não existia. E ver que a qualquer momento que aquilo correr risco de ser extinto, é o movimento social que vai entrar de novo.

— A gente pode começar do zero, e se a gente começar do zero a gente não consegue, porque o fundamentalismo tá tão grande, que a gente não consegue mais erguer, se a gente fechar aquilo ali, num vai conseguir.

— Luriana: Quais os conflitos e desafios que se colocam em relação a outros grupos na cidade de João Pessoa?

— O maior desafio que eu vejo, que as mulheres feministas abraçarem a nossa causa, como a gente abraça a causa delas. Esse é um desafio.

— Nós não sentimos ainda esse acolhimento [...].

— E outro pior ainda, pra mim, é com os macho gay do movimento MEL [...].

— Quando vem, já vem pronto¹⁴.

— Na parada do ano passado, os macho do MEL boicotaram a parada, [...] e no dia da parada, os macho do MEL apareceram e ainda impediram as meninas da Maria Quitéria de subir no trio, e mandaram elas carregar a água nas costas [...] ele mandou carta abdicando da parada LGBT. Mas, no dia da parada, estava lá para humilhar as lésbicas que se aproximaram do trio. Era qualquer uma [...].

— Quando você começa a conviver, não adianta porque a gente só conhece quando convive. Porque faz toda a linha, do diplomático, do bonzinho... Mas num dura dez minutos [...].

Como pude vivenciar, assuntos relacionados a realização de atividades, questões organizacionais e de articulação, perpassam o cotidiano do Maria Quitéria. Deste modo, no primeiro momento que estive com elas, em setembro de 2019, a Parada LGBT de João Pessoa estava em pauta, e alguns conflitos decorriam da organização desse evento. Também foi um momento para acessar as experiências das Quitérias com esse tipo de mobilização. Nesse

¹⁴ Para contextualizar, esta fala se refere a algumas ações que o MEL realiza que de acordo com a fala das integrantes, parecem não incorporar de forma efetiva o Maria Quitéria nessas ações.

sentido, percebe-se uma clara diferença geracional, com as “antigas” trazendo, em primeira mão, uma história que as mais novas no grupo reproduzem em suas falas, fazendo parte do legado do Maria Quitéria. No dia em que discutíamos a organização da Parada, Marli, que tem um papel importante na salvaguarda da memória do grupo, fez um paralelo entre a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo e a Parada de João Pessoa, se referindo à questão estrutural, Marli disse ainda, que a Parada de Recife é organizada por empresas, assim como a de São Paulo, por isso que lá essas Paradas são maiores. Para além dessas questões, Marli falou da falta de representatividade lésbica nesses espaços, ou em suas palavras “mulheres não têm história”, no sentido da falta de visibilidade e pouca representatividade que há. De acordo com ela, a invisibilidade do movimento em João Pessoa é colocada para o Maria Quitéria, no sentido de que é este grupo quem mais sofre com a invisibilidade, e que isso é algo histórico, de anos.

Aqui surge a oportunidade de se pensar pautas que historicamente atravessam o movimento lésbico, dentre elas, a vontade de ver refletidas no movimento LGBTQIA+, questões que fazem parte diariamente da vida de mulheres lésbicas. Mesmo reconhecendo que não parece ser possível tomar noções acerca da existência lésbica como se fosse uma só, isto é, um só tipo de vivência, um só tipo de experiência, sendo preciso necessariamente se levar em conta os marcadores sociais das diferenças, as vivências acerca da própria existência lésbica, a luta pela visibilidade e o desejo de poder existir enquanto sapatão parecem atravessar esse cotidiano.

Ainda sobre essa questão, no “Projeto Jornadas Feministas: Educação e Resistência e Fórum de Mulheres em Luta da UFPB”, organizado pelo Fórum de Mulheres da UFPB, foi realizada, no dia 25 de setembro de 2019, a mesa: Visibilidade Bissexual e Lesbianidade, formada por Cryss Pereira, integrante do GMMQ e Janine Oliveira, bissexual e mestrande pela UFPB que trouxeram, dentre muitas pautas, discussões relacionadas às violências sofridas por mulheres lésbicas e bissexuais. Eu estava sentada e fazendo anotações acerca das discussões e do debate que a mesa estava propondo, quando uma das integrantes do GMMQ conta um relato sobre ser sapatão e das violências que se passa. Estávamos em círculo, quando ela levanta e chama um homem que estava na roda para o meio, sinalizando para que ele ficasse ao lado dela, porque aparentemente ela iria nos contar uma história, iria construir um exemplo para que pudéssemos visualizar aquilo que ela queria nos dizer. A partir disso,

ela propõe um exercício para pensarmos o seguinte: se aquele homem estivesse andando na rua à noite e ela estivesse andando também nesta mesma rua, mesmo que ele fosse gay ou trans, de acordo com o que ela estava falando, se fosse para acontecer alguma violência de gênero, aconteceria com ela ou com ele?

A integrante do GMMQ que descreve essa situação é uma sapatão, mulher lésbica masculinizada, lida socialmente como branca e com mais de trinta anos e pensando as performances de gênero a partir de sua própria fala, ela vai desenhando um cenário que parece ser muito comum na vida de lésbicas masculinizadas, que é a questão de como são lidas socialmente e não somente, como acontece esse tratamento na vida diária.

De outro modo, a questão da bissexualidade também foi tratada nesta mesa. Janine Oliveira aponta a invisibilidade posta na bissexualidade, indica, portanto, que se as mulheres lésbicas sofrem com essa invisibilidade, ela pode ser mais vista ainda quando se trata das mulheres bissexuais. Em seguida, nos fala do dia 23 de setembro, dia da visibilidade bissexual, nesse sentido, aponta em sua fala questões acerca da fetichização que bissexuais sofrem quando, por exemplo, um homem sabe que ela é *bi*. Aponta também para a violência psicológica e da própria violência exercida por lésbicas, isto é, quando uma mulher lésbica se relaciona com uma bissexual, afirma ela, é muito comum ouvir que ali está colocado um “risco” maior de ser traída. E por último, fala de como a mulher bissexual é lida em diversas situações de modo pejorativo, como um vetor de IST’s.

Em entrevista com o GMMQ, tive a oportunidade de perguntar sobre a pauta da bissexualidade, no intuito de refletir como o Grupo trabalha e pensa suas ações voltadas para esta pauta. Assim, quando descrevem essas ações, o Grupo me conta que o IV ENLESBI teve a intenção de ser um encontro onde as discussões acerca da bissexualidade estivessem mais presentes, mas não somente, as ações realizadas, como o “Biálogo D’ellas”¹⁵ ou mesmo a mesa já citada sobre visibilidade bissexual e lesbianidade, demonstram que esta pauta está colocada na agenda do Grupo.

¹⁵ Embora essa seja uma atividade em que não estive presente, pude tomar nota sobre sua realização a partir das vivências que tive com o Grupo.

4.1 Dos lemas e das ações que guiam seus passos

Neste ponto, sinalizo para os lemas que guiam os passos do grupo, caracterizando-o, inicialmente, como um movimento que luta, trabalha e desenvolve suas ações pensando no direito à cidadania de mulheres lésbicas e bissexuais. A partir daqui, torna-se possível verificar quais temas guiam o GMMQ em suas trajetórias. Pautas como estupro corretivo, objetificação, lesbocídio, direitos sexuais e reprodutivos, saúde integral, saúde mental, e violência doméstica, fazem parte de sua agenda e guiam diretamente seus passos. E por isso mesmo, suas ações são planejadas pensando nessas questões. No seguinte trecho da entrevista, é possível observar quais narrativas que se fazem importantes na trajetória do Grupo:

- Luriana: Quais temas que guiam os passos do Grupo?

- São: violência contra a mulher, visibilidade das mulheres lésbicas e bissexuais, respeito às mulheres, porque parece a mesma coisa, mas não é, respeito às mulheres e violência contra as mulheres, a luta pela garantia das mulheres lésbicas e bissexuais, essas são as palavras chave.

Observamos, aqui, a centralidade da luta pela cidadania e o lugar que o combate às violências possui nessa luta. Destaco a diferenciação entre violência e respeito, a primeira aludindo talvez a ações físicas e simbólicas que afetam negativamente as mulheres, ameaçando sua vida e integridade, e a segunda inserida num campo moral e psicológico, tendo a ver com questões como reconhecimento.

Em relação às ações, é deste modo que as quitérias definem sua atuação:

- Luriana: Quais as áreas de atuação que o Grupo se coloca?

- As áreas de atuação são: mulheres em cárcere, saúde mental...

- E o assédio, né, trabalho com as meninas do futebol.

- E a violência contra as mulheres no futebol, assédio, estupro corretivo, exploração infantil, essas coisas...

- Luriana: Ao longo da trajetória, quais atividades consideram mais importantes?

- As que mais marcam o Maria Quitéria são as ações públicas, as ações de ousadia mesmo, de fazer visibilidade em praça pública, de fazer jogo de futebol feminino em praça pública, e, principalmente, assumindo que é Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais Maria Quitéria, porque originalmente o nome era Grupo de Mulheres Maria Quitéria, desde 2014 a gente assumiu esse posicionamento político em afirmar que é um grupo de mulheres lésbicas e bissexuais. No novo estatuto, a gente vai modificar e assumir de vez o Lésbicas e Bissexuais. Então as atividades mais importantes na história do Maria Quitéria pra mim é isso. Porque a gente falou pra

dona de casa lá do Funcionários IV, a gente falou pra homofóbico lá na Praça do Coqueiral, a gente falou pra fundamentalistas dentro da feira do Funcionários I [...] A gente saiu falando do Grupo em muitos lugares, não especificamente para lésbicas, mas eram mulheres lésbicas que estavam falando.

- Por último agora foi no Renascer, que nós fizemos aquela feira de serviço.

- Aí a última agora a gente mais uma vez foi ousada, é tanto que lá o nome do torneio é o “torneio das sapatão”, porque foi o Grupo de Mulheres Lésbicas que promoveu o torneio feminino, e a todo momento a gente falava que eram mulheres lésbicas, e tinha bandeira LGBT por todo canto, e tinha fundamentalista assistindo, tinha “macho uó” assistindo, tava ouvindo, tava lá... Então isso pra gente é importante, não só o trabalho de conversar com as meninas propriamente dito, mas a gente, lésbica, bissexual, tá falando para além. Porque quando a gente pega faz um torneio numa praça que é pública, qualquer pessoa passa e tal, e a gente pega um microfone num carro de som e passa dentro da comunidade chamando pra ir ver esse jogo, um jogo do torneio feminino, e dizer que quem tá chamando é o Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais Maria Quitéria, é massa.

- É ousadia, né?

- É muita ousadia. Como a primeira vez que a gente fez isso foi na feira de serviço, que Sivi disse assim “tu vai ter coragem?” porque era o bairro que Sivi morava, eu disse “eu tenho coragem”, “tu tem mermo?”, “tenho, tenho coragem”, “então tu vai.”. Fui no carro de som dando bom dia pra dona Maria, pra seu João, chamando pra ir pra feira, dizendo que era o Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais Maria Quitéria e Sivi “eu não acredito que tu vai dizer... tu vai dizer lésbicas e bissexuais?” “eu vou”, “a gente vai apanhar”, “vai não. Por que a gente tá fazendo uma ação de cidadania.”.

- E rolou massa, num foi?

O trecho em análise traz diversos elementos para perceber de que maneira o Grupo se coloca publicamente. Um primeiro aspecto a ser destacado é a explicitação, no seu nome, de que se trata de um grupo de mulheres lésbicas e bissexuais. Embora já existindo e realizando ações específicas, incluir a definição lésbicas e bissexuais no nome, e pronunciar esse nome em espaços públicos e às vezes em ambientes conservadores, tem um efeito na autoafirmação identitária do grupo, que se articula com a ideia de visibilidade e com o movimento de enfrentamento que faz parte do *ethos* do grupo. Guardando as devidas distâncias, pode-se dizer que é uma nova “saída do armário”, no sentido de que está se rejeitando, explicitamente, poder ser “confundido” com uma associação de mulheres alinhada com lugares tradicionais ou com um grupo feminista sem marcação da sexualidade. Esta seria, pois, um primeiro momento valorizado pelo grupo em sua trajetória recente.

O segundo movimento, ao falar em “torneio de sapatão”, opera novamente nomeando, desta vez fazendo uma tradução de um registro identitário político para o das desqualificações

(sapatão como estigma) que são apropriadas como autoidentidades (sapatão como emblema). A escolha do futebol não ocorre por acaso, sendo este um dos símbolos nacionais mais fortemente associado à masculinidade no Brasil. Nesse sentido, a ideia de um “torneio de sapatão”, e principalmente, a chamada nas ruas, com o carro de som, tem um ponto crucial, a visibilidade da existência lésbica e bissexual colocada diretamente nessas ações e por isso, parece ser que tais ações são extremamente eficazes. Vale salientar o enfrentamento e o embate que o Grupo se coloca, frente não somente as questões colocadas ali, onde realizam essas ações, o que já por si carrega bastante relevância, mas colocadas diretamente numa linha combativa, frente a um período político tão violento como o atual.

Para além disso, a agenda do Grupo Maria Quitéria é bastante ampla, podendo ser acompanhada a partir da entrevista que tive com elas, assim:

- Luriana: Como funciona a agenda do Grupo?
- Existe um planejamento chave.
- E existe um plano anual.
- Mas que a gente só cumpre o que realmente é essencial, porque aparecem muitas demandas... Surgem demandas de outros grupos, e a gente cumpre agenda para fortalecer outros grupos.
- Porque nós temos um calendário anual, né, que é o 8 de março, o 17 de maio, aí tem orgulho LGBT em junho [...] aí tem o julho das pretas, pretas lésbicas e bissexuais e agosto (mês da visibilidade lésbica) e também tem a parada LGBT [...].
- Fora essas datas, tem as nossas reuniões ordinárias, nossas formações internas do grupo, vivências [...].
- Porque na verdade a gente se vê muito mais, a gente se vê quase todos os dias, porque a militância é todos os dias [...].
- E a gente também tem uma agenda que é mensal no Julia Maranhão (Centro de Reeducação Feminino), uma vez por mês [...] ¹⁶.

Outro ponto bastante interessante que surge nesse contato com o Grupo Maria Quitéria é a possibilidade de visualizar a forma como elas se organizam, porque de fato, o Grupo atua em diversos âmbitos, demandando assim uma articulação atenta para realizar essas ações. A exemplo; pude presenciar uma reunião de elaboração para a ação no Centro de Reeducação Maria Júlia Maranhão, onde Marli descrevia como funciona a dinâmica no Centro, que tipo de ação o Grupo desenvolve e o que elas desejavam como melhoria naquele espaço, demonstrando assim, como funciona os bastidores dessas ações. Estive presente também em

¹⁶ Outra atividade que compõem a agenda do Grupo, mas que não foi citada nesse momento da entrevista é o Dia da Visibilidade Bissexual – 23 de setembro.

uma das últimas reuniões para a preparação do IV ENLESBI, onde tive a experiência de presenciar o empenho na organização e vontade do Grupo em fazer esse evento. Pela sua importância no conjunto de atividades observadas, dedicarei o último capítulo a uma descrição das dinâmicas e dos temas surgidos na 4ª edição do ENLESBI.

Capítulo 5

O ENLESBI – IV Encontro de Mulheres Lésbicas e Bissexuais da Paraíba

Tendo como tema “Eu também sou cidadã, no combate a LBTfobia, contra o racismo e pela democracia”, o IV ENLESBI - IV Encontro de Mulheres Lésbicas e Bissexuais da Paraíba, ocorreu nos dias 30, 31 de agosto e 01 de setembro de 2019, no espaço CEJUBE, localizado no bairro de Gramame, João Pessoa/PB. Nesse marco, cito minha chegada no primeiro dia do evento:

Cheguei por volta de umas 19h. Já era noite. Entrei no espaço do CEJUBE [Centro de Atividades e Lazer Padre Juarez Benício Gramame] e era um lugar muito grande, com algumas casinhas (chalés) distribuídas pelo espaço, por ser noite, não dava de ver tudo com muita clareza. Fui adentrando o espaço, meio ansiosa, achando que a abertura do evento já estava acontecendo, daí chego na entrada e me informo que ali mesmo está sendo o credenciamento, nesse momento começo ouvir os tambores, olho pra dentro do espaço e vejo mulheres conversando, mulheres sorrindo... mulheres em movimento. Faço meu credenciamento, pego minha bolsa (que inclusive é muito linda!) e entro. [...] estava me sentindo meio deslocada. Mesmo que fosse um evento feito para mulheres lésbicas e bi, mesmo que eu conhecesse algumas de vista e mesmo eu sabendo que minha função ali era estar como pesquisadora, ainda assim, me sentia meio deslocada. Encontrei uma amiga, cumprimentei, [...] perguntei a ela como estavam as coisas, porque eu sabia que ela estava desde a manhã lá, ajudando *as Quitérias* a organizar o espaço para receber as encontristas, daí fomos conversando e eu perguntei que horas iria ser a mesa de abertura, ela me informa que não ia demorar muito, que se quisesse, podia ir jantar, e que ia ter um cortejo inicial com tambores, caminhando pelo espaço.

O cortejo inicia, tinha ali em média 30 mulheres¹⁷, sugiro... Alguém sai distribuindo incensos com a recomendação que fossem deixados no meio do caminho, nas gramas... Caminho acompanhando o cortejo, o cheiro do incenso, a luz baixa... Caminhávamos para abrir, caminhávamos para nos aproximar. As músicas, quando ali cantadas, eram gritos de luta usados nas manifestações de rua, ao mesmo tempo em que o som dos tambores e agbês se sobressaíam as vozes. O cortejo se encerra com todas as mulheres em círculo, ainda com os tambores tocando e a chamada para o auditório, onde aconteceria a mesa de abertura. (Diário de campo, 30/08/2019).

Um encontro voltado para mulheres lésbicas e bissexuais, o IV ENLESBI tinha o intuito de reunir discussões, vivências, rodas e encontros culturais que possibilitaria o reconhecimento de pautas que são cotidianas na vida de mulheres que se relacionam

¹⁷ De acordo com o que pude perceber, foi esse o número de mulheres que estavam presentes na primeira noite do ENLESBI. Em seguida, pude ter acesso à quantidade oficial de encontristas, em média setenta mulheres. Dentre as mulheres que estavam ali, haviam jovens, adultas, negras, brancas, indígenas e algumas vinculadas ao MST (Movimento Sem Terra). Algumas eram de outros estados, como Bahia, Rio de Janeiro, Florianópolis, dentre outros. Outro ponto, é que o encontro disponibilizou de um ônibus que saía do Parque Sólon de Lucena (Lagoa), centro de João Pessoa, para levar as encontristas ao local do evento.

afetivo-sexualmente com outras mulheres. Devido à falta de espaço para que essas questões sejam pensadas e trabalhadas, este encontro sinalizava para um espaço político urgente e necessário neste período. Questões acerca do contexto atual político, pautas sobre visibilidade da mulher negra lésbica e bissexual, questões sobre raça/etnia, ancestralidade, bissexualidade, violência contra a população LBT, questões sobre cidadania e questões sobre lugar de fala, estiverem presentes neste evento. No mesmo sentido, foi possível verificar a importância que foi dada às questões acerca da maternidade, onde desde a divulgação havia um compromisso em relação ao acolhimento de crianças nos dias que ocorreria o encontro; discussões sobre vida reprodutiva e abortamento também fizeram parte da programação do evento. Igualmente, questões sobre autocuidado e redes de apoio para resistência, direcionando para o veganismo e antiproibicionismo integraram os dias de atividades que o encontro propôs.

Penso no ENLESBI como um “tempo forte” dentro do conjunto de atividades desenvolvidas pelo Grupo Maria Quitéria, em que as questões que mais mobilizam a militância e, especificamente, o Grupo, puderam ser discutidas e referendadas. Ademais, o fato de se tratar de um evento de dois dias permitiu apreender não apenas a fala “oficial”, mas também aspectos informais em volta da militância. É o que tentarei mostrar a seguir.

5.1 O discurso oficial – o que pautaram as mesas

O encontro tinha nomes muito importantes, se tratando de referências lésbicas e bissexuais contemporâneas. Tive ali a oportunidade de conhecer Erica Capinam (Liga Brasileira de Lésbicas – LBL/BA) e Heliana Hemetério (Candaces – Rede Nacional de Lésbicas e Bissexuais Negras Feministas), dois grandes nomes da militância lésbica e bissexual que estiverem compondo, dentre outras atividades no encontro, a mesa inicial, intitulada “Nossos passos vêm de longe - lésbicas e bissexuais negras em resistências na existência ancestral – contextualizando o momento atual da política brasileira”, mediada por Cryss Pereira.

Nessa mesa, a fala de Heliana Hemetério demarcou bastante a discussão de raça/etnia, que se fez muito presente no evento inteiro. Sua fala iniciou com provocações para a plateia sobre o lugar que ocupamos, questionando sobre privilégios, falando do quanto gente rica, por exemplo, vai ter sempre privilégios e pessoas brancas também. Além disso, fez um exercício de lançar inquietações sobre o que acreditamos, quais as referências que utilizamos e que

espaço político ocupamos. Falou sobre a necessidade de se utilizar de referências intelectuais e políticas para além de Simone de Beauvoir, fazendo referência a branquitude e racismo nos movimentos lésbicos, LGBT e feministas, sinalizando sobre a necessidade de enegrecer os movimentos sociais. Numa mistura de ironia e seriedade, Hemetério disse: “não tenho nada contra aquela senhorinha branca (se referindo a Simone de Beauvoir), mas ela não me representa”.

A fala de Hemetério dizia também sobre o cenário atual. Comentando a frase que viralizou nas redes sociais, após a vitória nas eleições de 2018 do atual presidente do Brasil, “Ninguém solta a mão de ninguém”, Hemetério questionou: “Mas quem está ao lado?”. Apontou, igualmente, outra argumentação que também foi bastante utilizada após a eleição de 2018, ou mesmo desde o golpe de 2016, quando se disse que a democracia morreu. Hemetério questionou, mais uma vez: “Que democracia e para quem se tinha? Era de fato uma democracia pras delas?”.

Em diálogo com a mesa de abertura, a mesa da manhã do dia 31 de agosto teve por título “Identidades, espaço e território. Raça, cor, etnia, lesbianidades, bissexualidades, diversidade geracional”. Uma das palestrantes foi Iasypitã Potiguara, indígena e bissexual, que tive a ocasião de conhecer no dia anterior. Fora das mesas, ela havia relatado algumas experiências de objetificação que sofreu em sua trajetória afetivo-sexual, nos contando que em muitas dessas experiências, ela vivenciou situações sobre a hipersexualização e exotificação da mulher indígena, como relatou sobre algumas falas que vem à tona nesses momentos: “Oh, sempre quis ficar com uma ‘índia’”. Já na mesa, Iasypitã Potiguara iniciou questionando se existe indígena gay, lésbica e bissexual, pondo em questão o caráter construído das identidades. Foi uma fala com um conteúdo biográfico e político, na qual contou um pouco da sua trajetória na aldeia, da relação com a família e trouxe a questão da aceitação. De outro modo, nos fala sobre um corpo que não permite a colonização de sua sexualidade, em um contexto de intensificação da invisibilidade da orientação sexual. Nesse sentido, falou da importância da proteção do território, do feminismo dentro do movimento indígena, da cultura matriarcal e da vida ritual nas aldeias. Por último, denunciou que “índigena é cobaia”, porque quando as vacinas chegam, eles são obrigados a se vacinar, o que não ocorre nas cidades. Segundo ela, nessas horas recebem insistentemente visitas dos agentes

de saúde, mas essa mesma atenção não ocorre diante das outras necessidades que a aldeia passa.

O mote da fala de Heliana Hemetério, que também compunha esta mesa, foi a questão de sexualidade e gênero nas experiências de mulheres lésbicas, trazendo à tona um tema que é bastante urgente quando pensamos as relações lésbicas. Iniciou falando que estamos condicionadas a um “caminho da verdade”, um caminho cristão, o caminho da heterossexualidade compulsória. Apontou, também, a necessidade de se falar, entre lésbicas e bissexuais, de práticas sexuais, que é algo que não se fala, desvelando, portanto, a problemática de mulheres que nunca sentiram orgasmo e o quanto, em diversos momentos, torna-se falacioso a ideia de liberdade sexual; apontando para a ideia do corpo como território “o primeiro território é o corpo, que é minha existência”, alertando sobre a necessidade de refletir sobre o imaginário dos corpos, do sexo entre mulheres, do se tocar, se conhecer, saber do que se gosta ou não. Afirma ainda que é preciso falar sobre lesbianidades e como, igualmente, é preciso pensar uma lésbica masculinizada.

Ainda assim, incito questionar como é possível pensar práticas sexuais, fazendo um paralelo com o que Heliana Hemetério traz em sua fala, pensando no sentido de prazer: aquilo que se gosta ou não, o que é preferível, o que de fato gera prazer e o que seria a noção desse prazer nas relações lésbicas. Embora não seja uma discussão tão simples assim, porque adentram inúmeras questões sobre como se entende e o que mesmo seriam essas práticas sexuais entre mulheres, parece ser possível abordar essa discussão como uma consequência dos impactos da heterossexualidade compulsória.

Outro aspecto importante na fala de Heliana Hemetério foi a questão da solidão da lésbica negra, dessa construção social em torno da mulher negra lésbica, do silenciamento de negras e das práticas sexuais silenciadas, como, por exemplo, a “siririca”. Outra questão posta por ela foi a geração, sobretudo o envelhecimento: “Ninguém quer falar de gente velha”, ela provocou. O que demonstra como essa é uma pauta igualmente silenciada, pouco discutida, e por este motivo, há uma urgência em fazer com que esse seja um campo de discussão possível, isto é, pensar o envelhecimento como uma categoria social que demanda, de modo imediato, uma reflexão crítica não somente nos campos teóricos, mas a necessidade de incorporar, efetivamente, esta pauta aos movimentos sociais. Hemetério discutiu também

sobre um ideal de família que muitas vezes é reproduzido nas relações afetivas-sexuais entre mulheres, que as questões do dia a dia precisam ser faladas, pensando também as questões em torno da maternidade, um dos temas centrais do encontro. Hemetério lançou um pensamento interessante no meio de sua fala, que possibilita visualizar, enfim, experiências para além da invisibilidade posta nas relações entre mulheres que gostam de mulheres: “Família é a companheira”. E terminou nos dizendo que é preciso buscar o caminho da felicidade, o que contemplou de forma bastante pontual as pautas ali levantadas, isto porque lemas como “Pelo Bem Viver”, “Eu Também Sou Cidadã”, permeavam todo o encontro.

Nas perguntas da plateia, que demonstravam um grande interesse no que estava sendo dito, e assim, interagiam de forma positiva com Hemetério, ela reforçou o que disse anteriormente sobre pluralizar histórias, isto é, falar de raça e gênero não é recorte, é dimensão. Ainda sobre práticas sexuais, ela problematizou sobre a questão de estigmas sobre a bissexualidade, exemplificando com a seguinte frase “Não gosto de me relacionar com bissexual porque elas gostam de pau”, destacando o quanto é uma fala preconceituosa. Aqui, analiso este momento destacando dois pontos importantes de serem percebidos e discutidos: o primeiro, se refere a necessidade de problematizar o quanto há uma genitalização nas relações afetivas; o segundo, se refere à própria discussão traçada por Hemetério em se tratando da urgência de se discutir as questões sobre práticas sexuais entre mulheres que se relacionam afetivo-sexualmente com mulheres.

Em suma, as componentes das mesas citadas acima, Heliana Hemetério e Iasypitã Potiguara, além da pauta do contexto atual, trouxeram em suas falas questões intrínsecas a existências lésbica e bissexual, afirmando a necessidade de se refletir criticamente, desde uma perspectiva do sul global acerca de questões relacionadas a gênero, sexualidade, raça/etnia. São alguns dos temas que surgiram na fala dessas mulheres: solidão da mulher lésbica e bissexual negra, bissexualidade, relações afetivo-sexuais entre mulheres, práticas sexuais entre mulheres lésbicas e bissexuais, eurocentrismo das teorias feministas/lésbicas, falta de assistência devida do Estado a pessoas indígenas e sexualização da mulher indígena, entre outras pautas.

5.2 Outros encontros

À margem das discussões nas mesas redondas, o ENLESBI de 2019 propiciou espaços de encontro mais lúdicos e informais, que vale a pena destacar. No primeiro dia, após o término da mesa de abertura, foi o momento da “cultural”. Esse foi um espaço de afetividades no encontro, embalado ora pelo som do coco de roda, ora pela caixa de som, sendo possível ver as trocas, o lugar das paqueras, das relações. A primeira mesa se encerra e a energia do encontro agora se direcionada para a parte mais lúdica (“a cultural”), que não demora para iniciar. Assim, logo quando saio do auditório e caminho para a área que iria ocorrer a cultural, já há uma movimentação ali.

Avisto Adi, integrante do GMMQ, com quem eu pude ter contato anteriormente na reunião de organização do ENLESBI, e vou cumprimentá-la, sentamos num banquinho, perto de outras mulheres, e começamos a conversar. Nesses encontros que tivemos, sempre que conversamos ou mesmo em suas falas, Adi traz a memória das Quitérias, ela carrega consigo mil e uma histórias são histórias que permeiam toda essa trajetória do Grupo, histórias de caminhadas, marchas, de conquistas do GMMQ, histórias que relembram os passos do Grupo, dentre outras. Isto porque ela é uma das integrantes mais antigas e também porque Adi está fazendo sua pesquisa com o GMMQ, ela faz o curso de antropologia na UFPB – Campus IV, em Rio Tinto, e como me relatou, trabalha com audiovisual.

Após essa conversa com Adi, sento numa grande mesa onde estão várias mulheres reunidas conversando e bebendo, e acabo adentrando os assuntos ali conversados. Esse foi um momento muito interessante porque as conversas estavam num tom bem divertido e ao mesmo tempo, eram assuntos tão recorrentes – que traço em alguma medida nessa pesquisa -, e também, assuntos que são importantes de serem conversados com mulheres que gostam de mulheres. É nesse momento, então, que surge a pauta do *Banheirão* e em seguida, o jogo de “verdade ou consequência”, onde ao mesmo tempo parecia que estava rolando várias paqueras ali, porque as conversas estavam em torno da ideia de *ficar no banheiro*, isto é, meio que escondido, mas sem ser, até porque se fosse escondido, tiraria a autonomia e desconstrução das mulheres que estavam ali conversando abertamente, parecia ser, na verdade, que eram indiretas. O que me levou imediatamente a acionar muitas questões na cabeça, primeiro, sobre a própria ideia de reprimir o desejo afetivo-sexual por outras mulheres, segundo, o

silenciamento e o sigilo dessas relações de sentir e viver esses desejos numa espécie de surdina e por isso mesmo, a ideia de *ficar escondida no banheiro*, algo que remete a ideia de um encapsulamento dos afetos e desejos. O que me leva a uma terceira questão que está intrínseca a essas duas: a questão da (in)visibilidade nas relações lésbicas. Contudo, ficar no banheiro pode ser pensado ainda em termos de evitar as fofocas.

Por sua vez, o jogo de “verdade ou consequência” adentra este momento. Antes de iniciar este assunto, é preciso contextualizar sobre a referida brincadeira. Sendo um jogo bastante popular entre adolescentes, mas também, perpassando diversas gerações, acontece de forma comum em encontro sociais, festas, dentre outros espaços semelhantes. Como regra básica, as/os participantes deste jogo ficam em roda, com uma garrafa vazia no meio (ou outro objeto que possa ser girado no chão ou na mesa), exigindo um número razoável de pessoas, geralmente, mais de três, tendo como intuito lançar perguntas e consequências/desafios entre participantes. Visto isso, no momento posterior a pauta do *Banheirão*, algumas encontristas lançam a ideia dessa brincadeira. Algumas permanecem na mesa, outras saem, outras adentram o jogo, e a partir daqui, parece surgir não apenas um jogo de entretenimento, mas um outro momento que me possibilitou visualizar questões que permeiam as discussões que aqui trato. A brincadeira sendo iniciada, confrontos e disputas, como imposições e questionamentos entre as vivências aconteciam. Isto porque ali parecia ser que imposições externas estavam sendo acionadas entre as participantes do jogo, como se por estarem em um encontro de mulheres lésbicas e bissexuais, deveria estar condicionado (necessariamente) à exacerbação das relações sexuais e afetivas, o que demonstra ainda, a meu ver, uma outra face da invisibilização nas relações afetivo-sexual entre mulheres. Tanto não se fala, que quando há a possibilidade de um encontro como este tais confrontos ocorrem.

Embora o evento se volte às questões identitárias, ele é também espaço de trocas afetivas, como já dito, o que se reveste de uma importância especial também no Maria Quitéria. Afinal, é perceptível em suas falas que além de militantes, são amigas, e que se encontram praticamente todos os dias. Os espaços de militância incluem também os espaços domésticos. E no grupo há casais, além de amigas. Esse é um entrelaçamento importante de se destacar – a militância está ligada, também, a criar uma rede maior de sociabilidade e afeto, a ideia de um lugar seguro. Nesse sentido, torna-se possível fazer uma discussão interessante com a literatura. O trabalho de Nadia Meinerz (2011) “Entre mulheres”, por exemplo, é uma

etnografia sobre parcerias afetivas e amorosas entre mulheres. Ela opta por se inserir na discussão sobre parcerias ao invés de lesbianidades, porque esta última categoria está mais próxima às reivindicações políticas e ela queria investigar a sociabilidade não necessariamente a partir de questões identitárias. Aqui, pode-se dizer que se faz um certo caminho inverso, pois quando o campo me coloca frente às questões identitárias e de reivindicação política também aparecem os afetos e as paqueras, talvez facilitadas pelo fato de se tratar de um “espaço seguro”. As afetividades são sempre pautadas nas narrativas das integrantes do GMMQ, em mesas e encontros que se propiciam a discussão acerca da bissexualidade e lesbianidades, isto porque, parece que há uma urgência de torná-las visíveis, há, portanto, uma reivindicação política do afeto. Além das reivindicações das ruas, das ações desenvolvidas, as relações de militância se entrelaçam com as relações de amizade, parece ser, portanto, que há aqui um caminho de reivindicação e conquistas de lugares seguros para a existência e exercício das afetividades entre mulheres que gostam de mulheres.

6. Considerações Finais

Neste momento, retomo de forma breve algumas das noções principais que guiaram esta pesquisa. Inicialmente, traço como objetivo refletir acerca das trajetórias e memória do movimento lésbico na Paraíba, a partir de uma aproximação ao Grupo de Mulheres Lésbicas Maria Quitéria. Em seguida, inclino a pesquisa refletindo sobre as inquietações subjetivas e políticas que me levaram a feitura deste TCC, conversando diretamente com a literatura selecionada acerca das teorias lésbicas, que por sua vez, direcionam para temas que são centrais quando discutimos a existência lésbica: a heterossexualidade compulsória colocada como norma obrigatória na vida de mulheres, as violências que se sofre por ser sapatão, a existência lésbica como um marco político, entendendo que não é só uma orientação sexual, mas uma identidade que rompe com essas divisões, a luta pela visibilidade, a busca pela representatividade e reconhecimento, atrelada a necessidade de ver refletida relações lésbicas nos mais diversos aspectos da vida social e o afeto como uma reivindicação política.

Outro ponto necessário de análise, é que neste percurso da pesquisa que estive ao lado do Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais da Paraíba - Maria Quitéria tornou-se possível observar questões que perpassam a vida cotidiana das próprias interlocutoras. Sendo assim, parece ser possível identificar que a necessidade, atrelada a luta pelos direitos de tornar visíveis as relações lésbicas, a própria existência, é o que move e direciona o GMMQ. Isto porque tem a ver diretamente com o lugar que se ocupa, a vida cotidiana, como andar na rua, a vida familiar, a própria vida profissional e a vida afetiva. A construção da história e luta do GMMQ marca, portanto, um espaço que dificilmente é acessado, é falado, é conversado, marca o espaço da mulher lésbica que se coloca e atua politicamente, e o melhor: elas fazem isso em grupo.

Faço o exercício reflexivo de não cair na superestimação das vivências de mulheres lésbicas, correndo o risco de querer colocar as vivências lésbicas num só caminho, um caminho totalizante das experiências. Nesse sentido, assumi uma postura de registrar, apontar e analisar as diversas possibilidades exploradas pelo GMMQ ao longo de sua trajetória, dentro daquilo que foi possível abordar no tempo da pesquisa. E por isso mesmo, faço uma provocação no sentido de pensar, por exemplo, quem, atualmente, tem trabalhado e

desenvolvido ações com mulheres presidiárias? Ou mesmo, quem tem pensando em saúde integral da mulher lésbica e bissexual?

Em um momento de aparente regresso de políticas sociais, as ações desenvolvidas pelo GMMQ parecem apontar para outro enredo quando pensamos nas trajetórias de mulheres lésbicas e bissexuais. São as possibilidades colocadas através destas ações e pelo discurso que elas entoam por onde passam que tento trazer nesta pesquisa. É uma luta para garantir um lugar de fala, é um exercício de resistência.

De outro modo, os registros do movimento lésbico nos colocam frente a uma historicidade permeada de silenciamento, apagamento e conflitos em relação ao movimento feminista e LGBT, mas que como se sabe, o movimento lésbico se coloca nesse exercício de resistência frente a essa invisibilidade. Ainda assim, como pontua a historicidade registrada do movimento lésbico, torna-se possível observar as diversas associações diante dos movimentos LGBT e feminista, onde tais movimentos impulsionaram de forma positiva a caminhada do movimento lésbico. É preciso registrar, portanto, que diversas ações desenvolvidas pelo Grupo Maria Quitéria, como pude observar em campo, tem vínculo com os movimentos feministas na cidade de João Pessoa. Mesmo pontuando como se dão as parcerias do GMMQ frente aos demais grupos da cidade, parece ser que ainda estamos frente a desafios e conflitos postos nessas relações. Até porque, este é um cenário antigo na história do movimento de mulheres lésbicas.

Sobre os limites da pesquisa, é preciso afirmar que o exercício de construir uma pesquisa pautada num tema tão próximo tornou-se, por muitas vezes, um exercício complexo. Neste fazer, como pude pontuar ao decorrer deste estudo, passei por diversas situações que me colocavam frente a vivências que passei/passou ao decorrer da vida, enquanto mulher lésbica. Por isso, reflito que muitas vezes me vi com certas dificuldades de análise das experiências que eu estava ali, me propondo a tecer em meu diário de campo, justamente, talvez, por achar que muitas questões já estavam dadas. O que veio à tona depois, quando fui analisar o diário de campo, isto é, quando, por fim, percebi que a obviedade de algumas vivências e experiências lésbicas estavam dadas, aparentemente, apenas para mim. O que acabou me trazendo inúmeras inquietações, e a partir daí, me propus a exercitar outros modos de me colocar e perceber as experiências apreendidas em campo.

Sobre outros limites da pesquisa, aponto a dificuldade de registrar a memória, no sentido cronológico, do Grupo, o que projeto para um futuro próximo, como um desejo de dar continuidade a esta pesquisa. Desde 2002 atuando na cidade de João Pessoa, é algo tão amplo e significativo que percebi que não daria conta completamente aqui. Ao mesmo tempo, penso que esta memória é mesmo trabalhada quando evidencio a fala das interlocutoras no texto, do mesmo modo, quando conto e reconto as trajetórias e narrativas que o Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais da Paraíba – Maria Quitéria vem traçando em sua caminhada enquanto um grupo político de mulheres lésbicas, que percebo ser, portanto, um movimento de resistência.



Figura SEQ Figura 1* ARABIC 1 – Fonte: Ana Flávia (@affnana)

REFERÊNCIAS

- ABU-LUGHOD, Lila. A escrita contra a cultura. **Equatorial**, Natal, v. 5, n. 8, jan./jun. 2018.
- AKOTIRENE, Carla. **O que é Interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento: 2018.
- BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Natal: EDUFRN, São Paulo: Paulus, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. A gênese do conceito de habitus e campo. In: **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- BOURCIER, Sam/Marie Hélène. Sexo e neoliberalismo. In: BENTO, Berenice; FÉLIX-SILVA, Antônio Vladimir (Org.). **Desfazendo gênero I: subjetividades, cidadania, transfeminismos**. Natal: Edufrn, 2015.
- BONNET, Marie-Jo. Relações entre mulheres: o indispensável? **Labrys, estudos feministas**, n. 3, 2003. Disponível em: <https://www.labrys.net.br/labrys3/web/bras/bonnet1.htm>. Acesso em: 15 ago. 2019.
- BRANDAO, S. Teorias lésbicas contemporâneas e a arte como ativismo e potência de resistência e visibilidade. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Bahia, Dossiê, vol. 04, n. 02. Abr./Jun. 2018.
- BRAZ, Camilo; MELLO, Luiz; RODRIGUES, Rodolfo Peres; TOCACH, Rhavena. Saindo de caixas, gavetas e pastas: uma experiência de articulação entre militância, arquivologia e ciências sociais na produção de memórias LGBT em Goiás. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, 2013.
- CLARKE, Cheryl. **Lesbianism: An Act of Resistance. The Columbia Reader on Lesbians and Gay Men in Media, Society, and Politics**. Columbia University Press, 1990. Tradução livre disponível em: <http://ebookbrowse.net/lesbianismo-um-ato-de-resistencia-cheryl-clarke-pdf-d281612776>. Acesso em: jan. 2018.
- COSTA, Jussara Carneiro; SOARES, Gilberta Santos. Movimento lésbico e movimento feminista no Brasil: recuperando encontros e desencontros. **Labrys, estudos feministas**, jul./dez. 2011 – jan./jun. 2012.
- CURIEL, O. (s. f.). **Género, raza, sexualidad debates contemporaneos**. Disponível em: http://www.urosario.edu.co/urosario_files/1f/1f1d1951-0f7e-43ff-819f-dd05e5fed03c.pdf. Acesso em: set. 2019.
- DA MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter ‘anthropological blues’. In: **Boletim do Museu Nacional**, 1978.
- DAVIS Madeleine; KENNEDY Elisabeth. “History and the study of sexuality in the lesbian community: Buffalo, Nova Iorque, 1940-1960”, in DUBERMAN Martin B., VICINUS

Martha, CHAUNCEY Georges (orgs.). **Hidden from history. Reclaiming the gay and lesbian past**, Nova Iorque, Penguin Books, 1989.

FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro. **Revista Latino América**, São Paulo, 2009.

FACCHINI, Regina. **Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008.

FRANCH, Mônica; NASCIMENTO, Silvana de Souza (orgs.). **Entre o sertão, a cidade e o mar: políticas e poéticas LGBT na Paraíba**. João Pessoa, 2019.

FRANCH, Mônica. **A produção antropológica em gênero e sexualidades no Brasil na última década (2008-2018)**. no prelo, 2018.

FALQUET, Jules. **Breve reseña de algunas teorías lésbicas**. México: Fem-e-libros ediciones, 2004.

FALQUET, Jules. Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política. **Cadernos da Crítica Feminista**. Ano VI, n 5, 2012. Disponível em: <https://julesfalquet.files.wordpress.com/2010/05/art-port-romper-o-tabu-da-heterossexualidade.pdf>. Acesso em: 8 set. 2019.

FALQUET, Jules. Repensar as relações sociais de sexo, classe e “raça” na globalização neoliberal. **Mediações**, v. 13, n.1-2, 2008, p. 121-142.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de campo**, n. 13, 2008, p. 155–161.

FÉLIX SILVA, Antônio Vladimir (Org.). **Desfazendo gênero I: subjetividades, cidadania, feminismos**. Natal: Edufrn, 2015, p. 25-49.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 26 ed. São Paulo: Graal, 2013.

GROSSI, Miriam Pillar. Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 21, 2003, p. 261-280.

GRUPO DE MULHERES LÉSBICAS E BISSEXUAIS - **Maria Quitéria, prosas**. Disponível em: https://prosas.com.br/empreendedores/14455#!#tab_vermais_descricao. Acesso em: 18 set. 2019.

HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 26, n.1, 2014, p. 61-73.

HOOKS, Bell. “Mulheres negras e feminismo”. In: **Não sou uma mulher?** Mulheres negras e feminismo. 1ª edição 1981. Tradução livre para a Plataforma Gueto. Janeiro, 2014.

LACOMBE, Andréa. Reformulando espaços e revisitando gêneros: socializações lésbicas em um bar no Rio de Janeiro. **Gênero**, Niterói, v. 9, n. 1, 2008, p. 251-269.

LACOMBE, Andréa. De *entendidas e sapatonas*: socializações lésbicas e masculinidades em um bar do Rio de Janeiro. São Paulo: **Cadernos Pagu** (28), 2007, p. 207-225.

LACOMBE, Andréa. Sobre saias, calças e bonés: expressão de gênero, geração e sedução entre mulheres que “gostam de mulher”. Niterói: **Antropolítica**. n. 34, 2013, p. 53-68.

LESSA, Patricia. **Lesbianas em movimento: a criação de subjetividade**: Brasil, 1979-2006. Brasília: [s.n.], 2007.

MOITA, Júlia; VILELA, Maurício Marçal. Quem nos escuta? Existência lésbica e “lugar de fala” na teoria feminista. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero & 13th Women’s Worlds Congress. **Anais [...]**. Florianópolis, 2017.

MEINERZ, Nádia Elisa. Entre mulheres. Etnografia sobre relações homoeróticas femininas em segmentos médios urbanos na cidade de Porto Alegre. In: **Coleção Sexualidade, Gênero e Sociedade**. Homossexualidade e Cultura. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2011. p. 194.

MEINERZ, Nádia Elisa. **Entre mulheres. A constituição de parcerias sexuais e afetivas femininas**. Alagoas: Latitude, Vol. 2, nº1, 2008, p.124-146.

MEINERZ, Nádia Elisa. **Mulheres e Masculinidades: etnografia sobre afinidades de gênero no contexto de parcerias homoeróticas entre mulheres de grupos populares em Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

MEINERZ, Nádia Elisa. Se essas paredes pudessem falar. **Bagoas**, n. 10, 2013, p. 55-72.

MELO, Mariana Soares Pires. Algumas vivências lésbicas: entre silêncios, segredos e possíveis subversões. **Desfazendo Gênero**, Bahia, 2015.

MELO, Mariana Soares Pires. **Formas de violência contra mulheres lésbicas: um estudo sobre percepções, discursos e práticas**. João Pessoa: UFPB, 2016.

NUNES, Edson de Oliveira. (Org.) **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

OLIVEIRA, Jainara Gomes de. Notas etnográficas sobre a constituição de relações homoeróticas femininas em João Pessoa, PB. **Clínica & Cultura**, Sergipe, v. IV, n. I, jan./jun., 2015, p. 89-96.

OLIVEIRA, Jainara Gomes de. Quando o armário é aberto: confiança e segredo na experiência da amizade. **Equatorial**, v. 02, n. 03, 2015, p. 13-35.

OLIVEIRA, Thiago de Lima. Levantar bandeira e dar pinta. Inflexões etnográficas sobre o movimento LGBT em João Pessoa (1980-2002) e suas ressonâncias. **BAGOAS** n. 16, 2017.

ORTNER, Sherry B. Teoria na antropologia desde os anos 60. **Mana**, n. 17, 2011, p. 419-466,

RIAL, Carmen Silvia de Moraes. Roubar a alma: ou as dificuldades da restituição. **Tessituras**, Pelotas, v. 2, n. 2, jul./dez. 2014, p. 201-212.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Tradução: Carlos Guilherme do Valle. N.05, 2010, p. 17-44.

ROSA, Laila; SILVA, Ariana Mara da. Reflexões feministas e o rap das lésbicas negras latino-americanas. *In*: Seminário Internacional Fazendo Gênero & 13th Women's Worlds Congress. **Anais [...]**. Florianópolis, 2017.

RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres**. Notas sobre a 'Economia Política' do sexo. Tradução de Christine Rufino Dabat. Recife: SOS Corpo, 1993.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista De Antropologia**, n. 39(1), 1996.

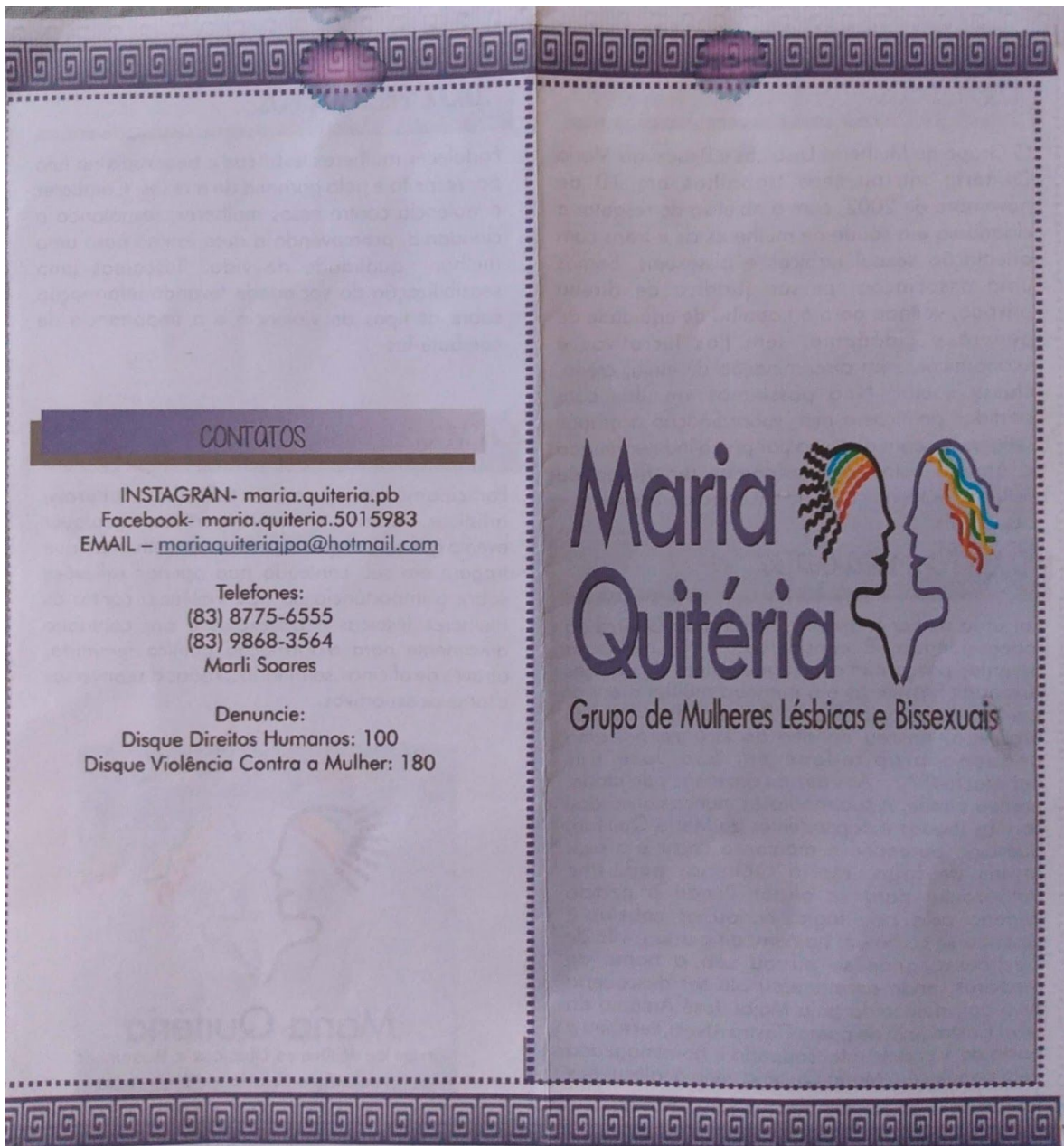
SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar; SOARES, Gilberta Santos. **Assumindo a lesbianidade no campo teórico feminista**. 2014.

SAUNDERS, Tanya L. Epistemologia negra sapatão como vetor de uma práxis humana libertária. **Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 7, 2017, p. 102-116.

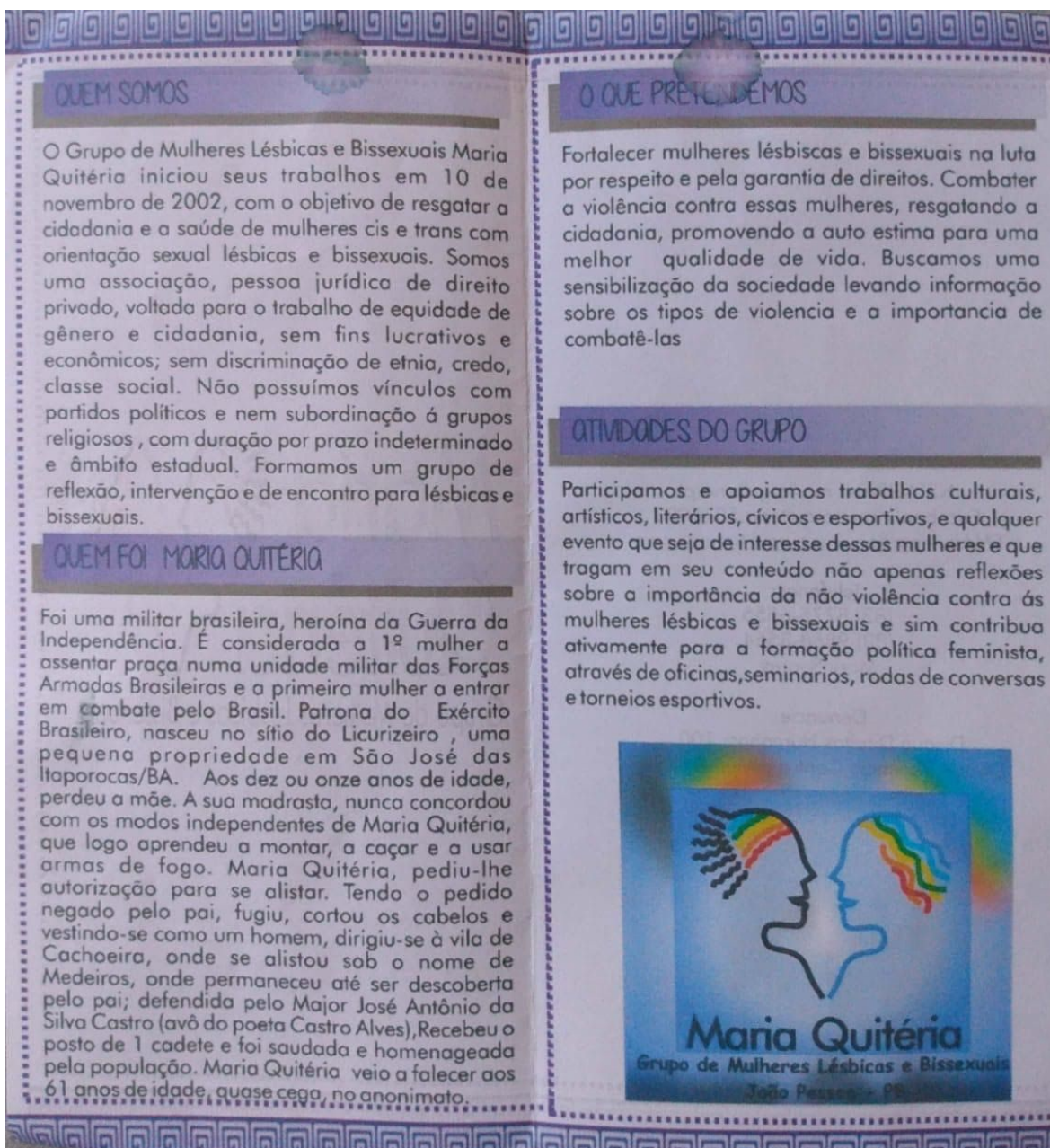
SILVA, Zuleide Paiva da. Lesbianidade Política na Bahia: que ginga é essa? **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Bahia, Dossiê, vol. 04, n. 02, Abr./Jun. 2018.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG, Belo Horizonte, 2010.

ANEXOS



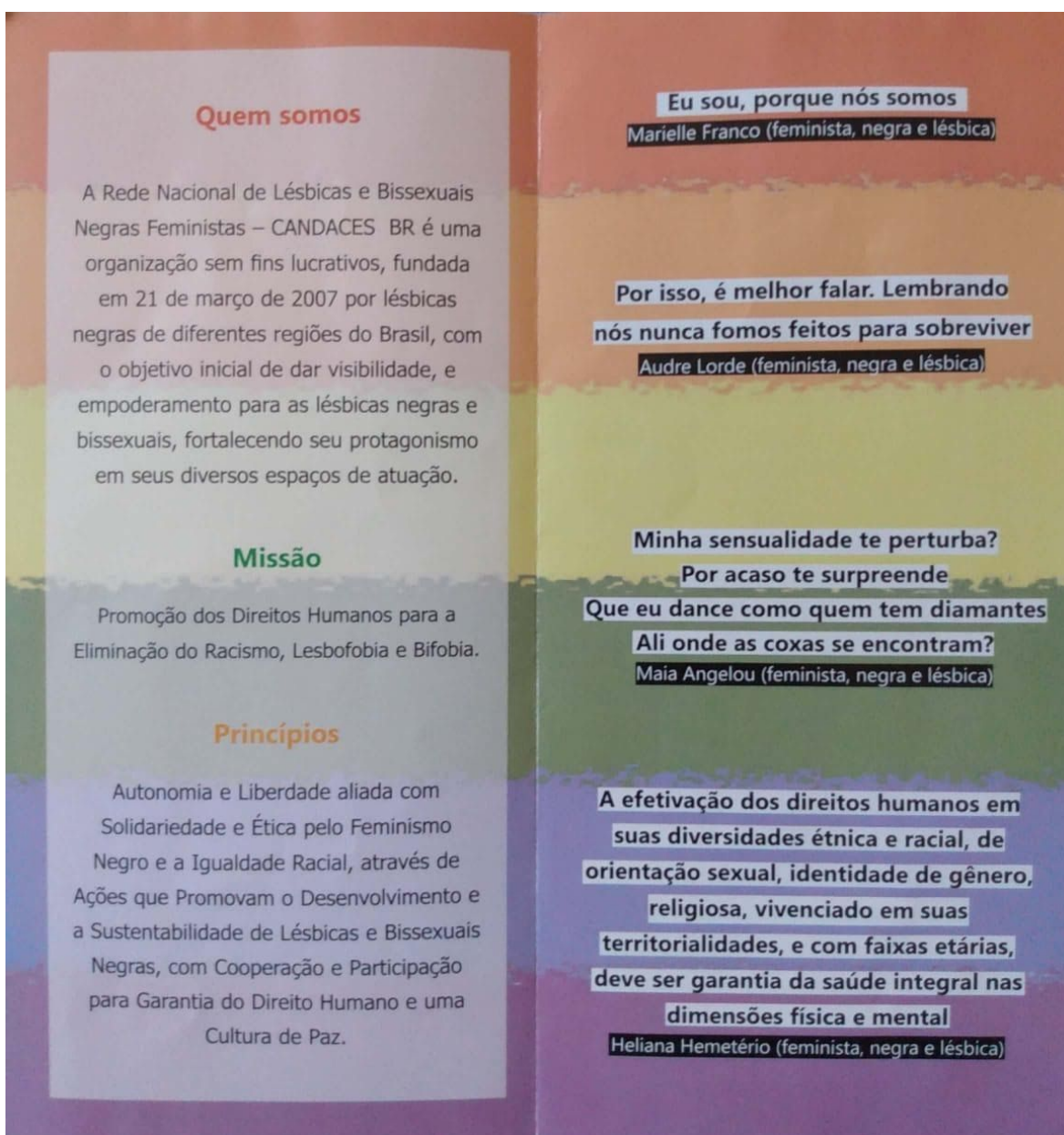
Anexo I – Parte externa do folder informativo sobre o Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais – Maria Quitéria



Anexo II – Parte interna do folder informativo sobre o Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais – Maria Quitéria



Anexo III – Parte externa do folder informativo sobre a Rede Nacional de Lésbicas e Bissexuais Negras Feministas – CANDACES



Anexos IV – Parte interna do folder informativo da Rede Nacional de Lésbicas e Bissexuais Negras Feministas – CANDACES

<ul style="list-style-type: none"> 16:00- OFICINAS <ul style="list-style-type: none"> ➤ SLAM PARAHYBA ➤ TRANÇANDO IDEIAS E CAMINHOS NORMA GOES ➤ ABAYOMI- ANCESTRALIDADE É RESISTÊNCIA MARLI SOARES ➤ TAMBORES- O PULSAR DA TERRA EM MIM BAQUE MULHER 20:00-Jantar 21:00-Cultural SARAU POÉTICO DJ MISANDRI SUING MAIS GOSTOSO TIA CIATA MC RAFA RASTA 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Domingo:01/09/2019 8:00-Café com ELLAS 8:30-VIVÊNCIAS ANCESTRAIS Tema : AMOR POR MIM LILA CASSIM TERAPEUTA HOLISTICA THETAHEALING Tema: XEQUERÊ- TRAMAS DA REPRESENTATIVIDADE ANGELA GAETA PRUDUTORA CULTURAL 12:00- ENCERRAMENTO 12:30hs-Almoço 13:00-Liberação do espaço <p>REALIZAÇÃO:</p>  <p>PARCERIAS:</p>  <p>APOIOS:</p> 	
--	---	--

Anexo V – Parte externa da programação do IV Encontro de Mulheres Lésbicas e Bissexuais da Paraíba - ENLESBI

<p>PROGRAMAÇÃO</p> <p>➤ Quinta: 29/08/2019</p> <ul style="list-style-type: none"> • Agenda externa do GMMQ em espaços institucionais e públicos <p>➤ Sexta: 30/08/2019</p> <ul style="list-style-type: none"> • 13:00-Translado-Praça Rio Branco (Chorinho)-Centro//CEJUBE • 14:00hs-Acolhimento/Credenciamento • 18:00-Jantar • 19:00- Abertura do IV ENLÉSBI-PB • Intervenção Cultural <p>Baque Mulher</p> <ul style="list-style-type: none"> • Breve apresentação GMMQ • Boas Vindas <p>DIÁLOGOS D'ELLAS</p> <p>“NOSSOS PASSOS VÊM DE LONGE”-Lésbicas e Mulheres Bissexuais Negras em Resistências na Existência Ancestral-Contextualizado o momento atual da política brasileira</p> <p>Mediadora: CRYSS PEREIRA</p> <p>Palestrantes: ERICA CAPINAM-LBL/BA HELIANA HEMETÉRIO-CANDACES</p> <ul style="list-style-type: none"> • 21:00-Encerramento • Intervenção Cultural <p>Baque Mulher</p>	<p>➤ Sábado:31/08/2019</p> <ul style="list-style-type: none"> • 7:00-Café com ELLAS • 8:00-Diálogo D'ELLAS <p>Apresentação:</p> <p>SENHORA PASSADO- ROSANGELA CASTRO</p> <p>1ª GIRA</p> <p>“ IDENTIDADES,ESPAÇO E TERRITÓRIO” RAÇA, COR, ETNIA, LESBIANIDADES, BISSEXUALIDADES, DIVERSIDADE GERACIONAL</p> <p>Mediadora:ANGELA CHAVES-GMMQ</p> <p>Debatedoras: IASYPITÁ POTIGUARA- AMIP HELIANA HEMETÉRIO- CANDACES ANA MUJICA- ATIVISTA AUTONOMA TERLUCIA SILVA- BAMIDELÉ</p> <ul style="list-style-type: none"> • 12:00-Almoço • 14:00-Diálogo D'ELLAS 	 <p>2ª GIRA</p> <p>RESISTÊNCIAS, EXISTÊNCIAS E ANCESTRALIDADES NO COMBATE AO RACISMO ESTRUTURAL, LESBOFOBIA, BIFOBIA E SEXISMO.</p> <p>Mediadoras:</p> <p>CIRCULO 1 FATIMA FONSECA-GMMQ ERICA CAPINAM-LBL/BA SIVI SILVA – GMMQ</p> <p>CIRCULO 2 MARLI SOARES- GMMQ JADIELE BERTO- ABAYOMI JUCIANE GREGORI-FORUM DE MULHERES UFPB</p> <p>CIRCULO 3 DUVALINA RODRIGUES - ABAYOMI ROSANGELA CASTRO- FELIPA DE SOUZA JANINE OLIVEIRA-ATIVISTA FEMINISTA</p> <p>CIRCULO 4 GORETE SILVA- GAMI RIVÂNIA RODRIGUES- CANDACES ERICA NICÁCIO- ATIVISTA AUTONOMA</p>
--	--	--

Anexo VI – Parte interna do IV Encontro de Mulheres Lésbicas e Bissexuais da Paraíba - ENLESBI